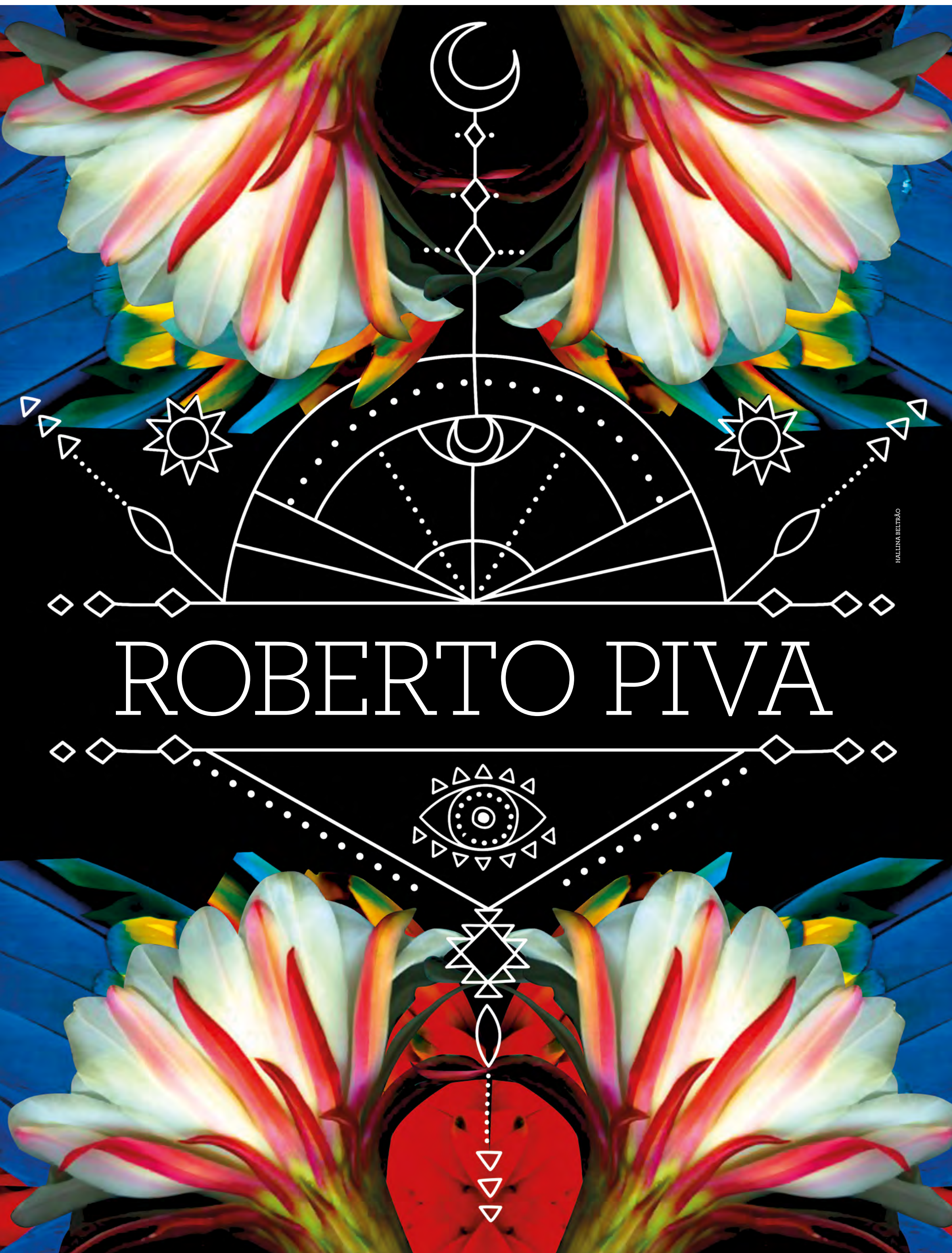


PERNAMBUCO



HALLINA BELTRÃO

ROBERTO PIVA

UM PASSEIO PELA SÃO PAULO DO POETA E PELAS CONTRADIÇÕES DE SUA OBRA XAMÂNICA

CARTA DOS EDITORES

É sobre Roberto Piva, poeta xamã, que falamos no texto principal desta edição. Piva, um poeta que sempre correu por fora dos grupos poéticos dos anos 1960 e 1970 – ainda que tenham tentado enquadrá-lo em diversas caixinhas. Um artista que, em sua cruzada contra a mediocridade, se valeu de elementos não hegemônicos para erigir seus poemas. Com isso, ganhou a imagem de subversivo. O que o texto de capa desta edição nos traz é essa necessidade de não nos deixarmos levar pelas aparências e discursos já propagados e continuar a visitar a obra do poeta. E visitar sua biblioteca, em São Paulo, preservada por esforços envidados com a ajuda de leitores, por meio de uma campanha financeira no site *Catarse*. Também nesta edição, uma resenha sobre a antologia *Olhos de azeviche*, que se sobressai no mercado pela proposta de reunir ficções de 10 autoras negras. Uma forma de acompanharmos o cada vez mais sólido movimento de escritores afro-brasileiros para resgatar seu protagonismo artístico. Ainda trazemos uma ficção inédita de

Pedro Lemebel que trata da complexa relação de amor e rejeição entre um homem cisgênero e uma mulher transexual durante a ditadura no Chile – episódio histórico que também marca a ficção de Roberto Bolaño. Deste, resenhamos o livro *O espírito da ficção científica*, que reúne temas que seriam vistos em toda sua obra posterior. Também movida pela ditadura, a escritora portuguesa Dulce Maria Cardoso nos faz pensar, na entrevista do mês, sobre a relação entre escritor e literatura. A partir desta edição, deixamos de contar com a colaboração do romancista Raimundo Carrero como um de nossos colunistas. Carrero passa a dirigir o jornal cultural *Cenas*, dedicado à literatura. A ele e à sua equipe, nossa certeza de pleno êxito no desenvolvimento do novo projeto. Contamos, a partir desta edição, com a colaboração do escritor Everardo Norões como nosso colunista. Norões, um dos nomes mais expressivos de nossa ficção, foi vencedor do prêmio Portugal Telecom (atual Oceanos) com seu livro de contos *Entre moscas*.

Uma boa leitura a todas e todos.

COLABORAM NESTA EDIÇÃO



Fernanda Miranda, doutoranda em Letras (USP), atua com formação de docentes para educação étnico-racial



Juan Pablo Villalobos, escritor, autor de *Te vendo um cachorro*



Juliana Bratfisch, doutoranda em Teoria e História Literária (Unicamp), autora do texto de capa desta edição

Aleksandra Kollontai (1872–1952), revolucionária russa, autora de *Bases sociais da questão feminina*; **Bartyra Soares**, escritora pernambucana, autora de *Enigma*; **Pedro Lemebel (1952–2015)**, escritor, cronista e artista plástico chileno, autor de *Essa angústia louca de partir*; **Ricardo Viel**, jornalista e editor da revista *Blimunda* (Instituto José Saramago)

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador
Raul Henry

Secretário da Casa Civil
Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

PERNAMBUCO



Uma publicação da Cepe Editora
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
Pernambuco – CEP: 50100-140

Redação: (81) 3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUPERINTENDENTE DE PRODUÇÃO EDITORIAL
Luiz Arrais

EDITOR
Schneider Carpeggiani

EDITOR ASSISTENTE
Igor Gomes

DIAGRAMAÇÃO E ARTE
Hallina Beltrão e Janilo Santos

TRATAMENTO DE IMAGEM
Agelson Soares

REVISÃO
Maria Helena Pôrto

COLUNISTAS
Everardo Norões, José Castello, Marco Polo e Mariza Pontes

PRODUÇÃO GRÁFICA
Júlio Gonçalves, Eliseu Souza, Márcio Roberto, Joselma Firmino e Sôstenes Fernandes

MARKETING E VENDAS
Daniela Brayner, Rafael Chagas e Rosana Galvão

E-mail: marketing@cepe.com.br
Telefone: (81) 3183.2756

SUA REVISTA DE CULTURA
AGORA, TAMBÉM,
NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista Continente e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

revistacontinente.com.br | [f/revistacontinente](https://www.facebook.com/revistacontinente) | [i/revistacontinente](https://www.instagram.com/revistacontinente) | [yt/revistacontinente](https://www.youtube.com/revistacontinente)

BASTIDORES

JANIO SANTOS



Também somos do lugar onde os filhos crescem

Há anos na Espanha, um certo mexicano se questiona sobre a identidade de sua escrita. E cria *No voy a pedirle a nadie que me crea*, premiado livro que chega ao país em outubro

Juan Pablo Villalobos

Em dezembro de 2003, no México, peguei as malas e fui morar em Barcelona. Tinha ganho uma bolsa da União Europeia para estudar um doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada. Planejava ficar dois anos. Máximo três. Mas os planos mudaram um pouco: até hoje, fevereiro de 2017, ainda não voltei.

Fui morar num apartamento com dois argentinos. Os colegas do doutorado eram peruanos, colombianos, brasileiros, mexicanos e catalães. Na metade das festas, eu ia comprar mais vinho e cerveja nas lojas dos paquistaneses. E, quando precisava de alguma coisa aleatória (um caderno, um parafuso, uma bola de pingue-pongue), era só caminhar até o chinês da esquina. As praças do bairro estavam cheias de *okupas* italianos, alemães, franceses (descendentes dos famosos *squatters* ingleses). Cheios, eles, de cachorros. E logo eu conheci uma brasileira. (Típico.) Fiquei com ela. E fiquei em Barcelona.

Passaram os anos e eu escrevi três romances mexicanos: *Festa no covil*, *Se vivêssemos em um lugar normal* e *Te vendo um cachorro*. O tema deles era o México. Os personagens eram mexicanos. O narrador também. O cenário, o contexto, o pano de fundo, tudo era mexicano. Mas, quando ia começar escrever meu quarto livro, 11 anos depois de deixar o México, eu não era mais só mexicano. E isso começou a ser um problema. De repente, achava que continuar escrevendo a partir dessa perspectiva era incongruente. Que não era honesto. Eu tinha virado muitas outras coisas: expatriado, imigrante, pai de dois brasileirinhos que também eram mexicanos, mas, principalmente, catalães. Eu precisava achar outro ponto de vista.

Além do mais, nesses 10 anos, o México também tinha mudado. O México não era mais aquele país onde eu morava, aquela pátria que eu conhecia. Dentro de mim, o México estava deixando de ser um espaço real de interação para virar um cantinho de lembranças. Um lugar, até, imaginário. Cada vez que eu colocava a bunda na cadeira para escrever, sentia que o cenário do enredo escorregava entre minhas mãos. Eu pressentia o perigo iminente de tornar folclórico, exótico, aquele que tinha sido meu lar.

Li nos cadernos do artista mexicano Gabriel Orozco: “Não gosto de ir muito longe de casa com o objetivo de fazer uma obra de arte. Eu odeio o exótico nesse sentido. Quero que minha arte esteja perto de mim e eu perto do que me rodeia”.

Fui almoçar com Jordi Soler, escritor mexicano que mora, como eu, há muito tempo em Barcelona. Conteí da crise de escrita que eu estava enfrentando. Falei que estava cogitando localizar meu novo romance em Barcelona. Que eu queria escrever sobre o que ficava perto de mim. Que estava cansado de narrar desde o afastamento, desde a distância, que gostaria de experimentar, na cotidianidade, aquilo sobre o que estava escrevendo. Mas que eu sentia pudor (vergonha, constrangimento). Que não tinha certeza de estar legitimado para escrever sobre Barcelona. Aí, Jordi falou: – A gente também é do lugar onde os filhos crescem.

Mas, peraí: eu não ia deixar de ser um escritor mexicano, isso era impossível. Aliás, eu não queria. Eu queria era incorporar na minha escrita outras influências, outras tradições literárias, outras maneiras de falar o espanhol, outros sotaques, outros olhares. Eu queria que minha perspectiva e meu ponto de vista como pessoa no mundo fossem congruentes com os dos meus narradores. Eu queria era fazer uma literatura mestiça. A literatura da Barcelona da imigração, uma literatura da miscigenação.

Criei um personagem chamado Juan Pablo Villalobos, mexicano. Mandeí-o morar em Barcelona para fazer um doutorado em Teoria literária e Literatura Comparada. Imaginei que ele alugava um quarto num apartamento de dois argentinos. E logo alterei a pergunta clássica com a que começa toda ficção. Em vez de me perguntar “o que aconteceria se...”, questionei-me: “o que teria acontecido se...”.

O que teria acontecido se eu tivesse caído nas mãos de uma rede criminal transnacional, quando eu fui morar em Barcelona?

O resultado é *No voy a pedirle a nadie que me crea*. Um romance policial misturado com autoficção sobre os limites do realismo. Um romance humorístico que contém uma reflexão sobre os limites do humor. Um romance com personagens mexicanos, mas também catalães, argentinos, italianos, chineses ou paquistaneses. Um romance mexicano, sim, mas também um romance mestiço, global, cosmopolita. E, para mim, o mais importante: um romance com o qual trilhei um caminho para continuar a escrever. A edição brasileira de *No voy a pedirle a nadie que me crea* será publicada pela Companhia das Letras em outubro de 2017, com tradução de Sérgio Molina. *No voy a pedirle a nadie que me crea* ganhou o Prêmio Herralde 2016, o mesmo prêmio que ganharam, entre outros, *Os detetives selvagens* de Roberto Bolaño, *O mal de Montano* de Enrique Vila-Matas e *O passado* de Alan Pauls.

RESENHA

Um bolero seco para deixar o amor apodrecer

Trecho de *Tengo miedo torero*, romance chileno ainda sem edição no Brasil

Pedro Lemebel (Tradução de Alejandra Rojas C.)

A tarde caía rápido em *Cajón Del Maipo*. O sol foi interceptado pelos morros e a luz se amoleceu pelas sombras rasantes de cor laranja. Carlos tirava fotografias, tomava medidas e fazia planos estranhos do terreno somando metros e perímetros com réguas de cálculo. Não era sobre plantas o seu trabalho? Sobre botânica ou flores ou algo parecido? Ela não entendia direito, não entendia dessas coisas universitárias. Preferia não perguntar para não falar bobagem. Preferia se fazer de louca, já que ele achava que ela era boba respondendo sempre: depois te explico. Por isso deixava ele trabalhar tranquilo, via que se abaixava sobre o caminho, de barriga no chão. Olhava como subia e descia a ladeira uma e outra vez, olhava o precipício, olhava a hora, contava os minutos, ficava pensando, voltava para olhar e retomava suas anotações. Tentava não interromper, fingindo ler a revista *Vanidades* que tinha levado. A mesma revista que sabia de cor e que alguma de suas amigas bichas esqueceu na sala feita de caixotes em sua casa e da qual ela se apropriou ao descobrir uma reportagem sobre Sarita Montiel. Posso botar uma música, toureiro? Carlos levantou o olhar dos papéis. Como sempre, a Louca o surpreendeu com sua alucinada fantasia barroca, com aquela mania de enfeitar até o mais insignificante momento. Boquiaberto, ficou olhando para ela trepada numa pedra com a toalha de mesa amarrada ao pescoço, simulando uma maja banhada de pássaros e anjinhos. Garbosa, com seus óculos de gata, sedutora mordendo uma florzinha, com as mãos enluvadas de amarelo e os dedos crispados no ar imitando o gesto andaluz. Divertindo-se olhou pra ela, fazendo um parêntesis em seu sério trabalho. E foi ele quem apertou a tecla do rádio cassete, participando como espectador do *tablao*, para vê-la girar e girar movida pela dança, ficando para sempre aplaudindo esses gestos, esses “beijos bruxos” que a Louca lhe jogava, apreciando esses lenços carmim que flutuavam em sua volta, requebrando como um caule na força dessa dança pé de chinelo, no sapateio descalço na terra molhada, sobre o limo “verde de verde limón, de verde albahaca, de verde que te quiero verde como el yuyo verde de tanta espera verde y negra soledá”.

Nunca mulher alguma tinha provocado tamanho cataclismo em sua cabeça. Nenhuma tinha conseguido desconcentrá-lo tanto, com tanta loucura e leveza. Não lembrava nenhuma namorada, das muitas que rondaram seu coração, capaz de fazer esse teatro por ele, ali, em pleno campo, sem mais espectadores que as montanhas engrandecidas pela sombra do crepúsculo. Nenhuma delas, falou ele baixinho, com os olhos baixos e confusos. Tentava recuperar o pulso de sua emoção. Procurava voltar ao raciocínio frio dos números e das equações de tempo que requeria a elaboração do seu plano. O dia avançava rápido e não haveria uma segunda oportunidade para corrigi-lo. Por isso lhe pedia, por favor, que por um instante, apenas meia hora, deixasse de olhar assim para ele, com essa lavareda escura queimando sua virilidade, demandando seu carinho. Que por favor parasse a música, essa fita cassete pressagiando desgraça, esse disco de bordel antigo ensanguentando a tarde por antecipação. Que depois poderia ouvi-lo quantas vezes quisesse, mas agora era urgente terminar o trabalho. A luz já é tênue, faltam algumas fotos e temos tempo só até as seis.

Na viagem de volta quase não falaram. Ela dormiu junto à janela e ele a cobriu com sua blusa cor de pimenta. Na realidade, ela não dormia, só estava de olhos fechados para se repor de tanta felicidade e poder retornar sem drama à sua realidade. Era muita emoção para um dia só e preferia não falar, não dizer nada para não entorpecer essa alegria. Estava quieta, embalada pelo barulho do motor, quase sem respirar, quando sentiu as mãos de Carlos agasalhando-a com a tepidez da lã de sua blusa. Assim, extasiada, se fingiu de bela adormecida para cheirar a vertigem erótica de sua axila fecunda, essa fragrância de maratona, de vestiário esportivo no côncavo cheiroso de seu corpo, deixando-a zonzá, incitando seus dedos de tarântula a deslizar-se pelo banco do carro até tocar essas coxas duras, tensas por causa do acelerador. Mas se conteve, não podia aplicar no amor as lições sujas da rua. Não podia confundir, nem mal interpretar os contínuos toques, sem querer, da perna de Carlos em seu joelho. Não era a mesma eletricidade pornô vivenciada dentro



dos ônibus, onde essa esfregação de panturrilhas era sintoma de outra coisa, uma proposta para tocar, amassar e esfregar uma sucuri na rota sem pedágio. Por isso congelou a cena e retirou a perna com um gesto recatado e se aconchegou na janela como uma pombinha, deixando-se envolver pelo esgotamento luminoso daquele dia.

Ao chegar, o bairro parecia um vilarejo de província, apenas iluminado por umas poucas luzes que se salvaram dos apedrejamentos. As crianças corriam pela rua se esquivando do carro, e, na esquina, a mesma patota de jovens submersos na nuvem azeda da erva. No ar intumescido do anoitecer, se ouviam os rádios tocando o rock brega de Led Zeppelin, os arpejos revolucionários de Silvio Rodríguez e o ressoar vibrante do flash noticioso no armazém da esquina:

Cooperativa, a rádio da maioria. Manola Robles informa: Um comunicado do Ministério da Casa Civil declara que a invasão domiciliar executada hoje pelos serviços de segurança do país, em várias favelas, teve como objetivo a apreensão de armas de grosso calibre, assim como numeroso material impresso chamando à rebelião. O material pertence ao movimento Frente Patriótico Manuel Rodríguez.

Uff! Baby, finalmente chegamos. É preciso tirar as coisas do carro com cuidado porque... Shhh! Carlos pediu silêncio para ouvir atento as notícias da rádio. Ela também ouviu, mas não se preocupou. Nenhuma notícia poderia ofuscar esse romântico momento do adeus. Por isso, pegou seu chapéu amarelo com flores silvestres, juntou as tralhas do piquenique, entrou em casa e subiu pela escada, esperando que Carlos subisse atrás dela para despedir-se. Mas o violento barulho do acelerador fez com que ela voltasse e mal conseguisse ver a

HALLINA BELTRÃO



traseira do carro virando a esquina, numa fuga apressada, como se com essa abrupta partida fugisse do seu romance campestre, de seus cheiros de malva e rosa.

Nada é perfeito, falou fechando a porta, colocando as flores na água, abrindo todas as torneiras para que esse ressoar de cataratas soltasse o nó fluvial que se acumulava em seu peito. Nada é ideal, insistiu sentindo o calor da tristeza umedecendo seu olhar, descolorindo a aquarela azul das flores murchas que esperavam o orvalho amargo e teatral do seu pranto. Mas não conseguiu chorar, por mais que tenha se esforçado em lembrar canções tristes e arpejos sentimentais, não podia desaguar o oceano atormentado de sua vida. Esse bolero seco que emanava tantas letras de amores peregrinos, tanta lírica dor de cotovelo, de amor barato, hemorragia de amor com *“tinta sangre”*, maldito amor, *“yo que todo te lo di”*, *“tu querias que te dejara de querer”*, *“tu te quedas yo me voy”*, *“tu dijiste que quizás”*, *“tu me acostumbraste y por eso me pregunto”*. Amores de folhetim, de panfleto amassado, amores perdidos, revirados na dança triste do marica sozinho, o marica faminto de *“besos brujos”*, o marica drogado pelo tato imaginário de uma mão pandorga tocando o céu turvo de sua carne, o marica infinitamente preso pela lepra boiola em sua gaiola, o viadinho frufu aprisionado em sua teia de aranha melancólica de maquiagens e embelecões, o marica fifi alinhavado nos pespontos de sua própria trama. Tão sozinho em seu casulo, que nem conseguia chorar sem ter um espectador apreciando o esforço de encenar uma lágrima.

É como devolver pérolas ao mar, concluiu sacudindo as flores, espalhando faíscas de vidro no ar carnavalesado pelo seu gesto travesti. Carlos não merece nem uma lágrima, nem mesmo uma gota. De jeito nenhum desperdiçaria a joia de sua tristeza com alguém tão in-

Como sempre, a louca o surpreendeu com sua fantasia barroca, com aquela mania de enfeitar até o mais simples momento

grato. Alguém tão enigmático, capaz de ir embora desse jeito, sem dar nem tchau. Achando que pode pegar e largar, como se fosse um objeto, uma caixa a mais que faz parte da decoração. Sempre falando: depois eu explico, você não entende, amanhã conversamos. Acreditava que era uma bicha bobinha, apenas um porão para guardar caixas e pacotes misteriosos? O que está achando esse pirralho de merda? Será que pensava que ela não percebia? Que reuniões de barbudos eram aquelas em sua casa? Por que tanto estudar? Se fingia de zozna só por causa dele. Se aguentava tanta lorota sobre os livros das caixas era porque estava lhe fazendo um favor. Mas não suportaria humilhações. O que está achando esse pentelho abobado? Que pode me tratar assim? Acha que porque é universitário, bonito e jovem e com esses olhos tão... Só por ele se fingia de dama, só porque esses olhos amáveis a intimidavam.

Se sentia constrangida com essa cortesia de menino educado. Se não fosse por isso, se não fosse porque gostava tanto dele, afloraria sua alma vagabunda e ordinária e mandaria tudo à merda. Não a assustava ficar sozinha de novo porque, certamente, não faltaria o vagabundo que, por um prato de comida, pagaria com uma boa foda. De fato, nunca faltavam os garotões que, se fingindo de amáveis, carregavam as sacolas da feira, e depois de fechar a porta, dentro de casa, ela não precisava fazer nem dizer nada porque eles, sem rodeios, diziam: então, já que você mora sozinho, quem sabe, podemos nos divertir, ando louco de vontade. Nunca faltavam os passageiros do toque de recolher, esses maconheiros que ficavam até tarde reunidos nas esquinas sem poder voltar pra casa com medo de serem presos. Sobravam os desempregados que por umas moedas, por um cigarro, por uma cama quente lhe faziam o favor sem trâmite. E ela não precisava de muito verso e esforço para que a quisessem apenas por um momento. Não precisava esgotar-se tentando parecer fina e elegante. Não era necessário tecer olhares de coração para que Carlos, só de vez em quando, a abraçasse como amigo, deixando-a tão excitada, que se sentia culpável por desejar esse corpo proibido. Tudo seria mais fácil se não tivesse que suportar o feitiço de sua presença. Voltaria a vadiar na rua pegando vagabundos e ereções momentâneas com o arpão de sua pesca milagrosa. E o amor, enlulado nesse nome amaldiçoado, deixaria apodrecer com os restos do piquenique, com os ossos do frango que fermentariam nessa ladeira do *Cajón del Maipo*. Onde nunca voltaria, onde jamais voltaria a dançar como uma velha ridícula para esse malnascido.

Tengo miedo torero foi o único romance que o chileno Pedro Lemebel (1952–2015) lançou em sua carreira literária. A tradução ainda não tem editora no Brasil.

ENTREVISTA
Dulce Maria Cardoso

Uma romancista influenciada pela memória do exílio

Sucesso em Portugal, escritora fala do lugar da literatura em sua existência e conta como seu começo na escrita se relaciona com o retorno ao país após a ditadura



DIVULGAÇÃO

Entrevista a **Ricardo Viel**

Está sentada à mesa com a família, sabe que é a última refeição naquela casa, naquele país, naquela vida. Lá fora há uma guerra, os vizinhos foram embora, e chegou o momento de partir. Era 1975, em Luanda, capital da Angola, então colônia portuguesa, e Dulce Maria Cardoso tinha 11 anos. Como não conhecia a palavra “memorizar”, disse para si mesma que precisava “decorar” – como fazia na escola – o que estava vivenciando. Era preciso guardar consigo os cheiros, as pessoas, a paisagem, os últimos instantes, porque intuía que aquela partida significaria o fim de muita coisa.

Dulce Maria Cardoso cresceu, tornou-se escritora, e em 2011 publicou *O retorno*, livro que foi um marco não só na sua carreira, mas na literatura do seu país. Até então, ninguém havia tratado a partir da ficção, pelo menos

não com tanta qualidade e profundidade, a questão dos retornados – aqueles portugueses que, por conta da descolonização, voltaram da África para Portugal praticamente com a roupa do corpo. Cerca de meio milhão de pessoas desembarcaram em Lisboa em poucos meses.

Até esse romance, Dulce havia publicado *Campo de sangue* (2002), *Os meus sentimentos* (2005) e *O chão dos paraísos* (2009), todos eles premiados e editados no Brasil, mas foi com o livro sobre os efeitos da descolonização que a escritora chegou ao grande público e viu sua obra ser traduzida a mais de uma dezena de línguas.

Numa tarde em Lisboa, concedeu esta entrevista em que diz que a literatura não é o centro da sua vida, mas, sim, os seus afetos, e que, se nunca mais publicasse, não se sentiria frustrada, porque muito do que gostaria de dizer já está dito.

Você tinha 11 anos quando teve que deixar tudo em Luanda e vir para Portugal. Foi uma partida comentada em família, deu tempo de pensar no que ficaria para trás?

Meus pais não eram muito de conversar, mas de repente estávamos em guerra, e a guerra civil era muito notória, as coisas fechavam, as escolas fechavam, as lojas fechavam, não havia pão. E os vizinhos iam todos embora. Claro que mesmo uma criança percebe que não há retorno. E o meu pai também percebeu, mas não podia perder a esperança. Dizíamos: a escola fechou. E ele dizia: não tem problema, vai abrir outra vez.

O fato de nunca mais ter voltado a Angola tem a ver com o medo de mexer com lembranças dolorosas?

Não, isso não, eu estaria disponível para arriscar. Tem que ver com a questão de que os convites que tive foram sempre vindos de instituições ligadas ao regime, e de alguma maneira acho que não faz sentido aceitar, já que estou sempre a criticar o poder político angolano.

Ou seja, voltar não é algo que descarte.

Sim, claro, a partir do momento em que seja uma democracia.

Isso de pensar “preciso decorar” não foi já a decisão de alguém que quer ser escritora? Reter para depois contar.

No princípio, acho que o que eu queria era não esquecer. Queria guardar aquilo sempre comigo. Sabia que nunca mais voltaria, ou, pelo menos, que tão cedo não voltaria, e sabia que aquilo que estava a ver nunca mais veria. Mais tarde, quando cá cheguei, é que foi mais nesse sentido: um dia eu vou contar esta história.

E depois vem essa coisa tão engraçada que você conta, que, como não sabia como se tornar escritora, foi aprender a escrever à máquina.

(Risos) Foi assim: quero ser escritora. Qual é o curso para ser escritora? Eu

“ Sempre contei que minha história com a escrita tinha a ver com a volta ao país. Então, acho que esperavam que eu falasse do retorno

“ Não quero ter um estilo. Talvez minha identidade se constitua tão fora da escrita, que ter um estilo não me interessa

perguntava para qualquer adulto que achava que podia saber, e todos me respondiam mais ou menos o mesmo: não havia curso. Durante anos, isso me angustiou profundamente. Médico tinha curso, advogado tinha curso, como é que escritor não tinha? Então, um dia, vi num filme um escritor a datilografar e achei: é isso. Eu tinha 14 anos e convenci os meus pais e me colocaram num curso.

Mas, se você queria ser escritora, o caminho mais fácil era ter ido estudar literatura, não? Porque foi fazer Direito? Não quis. Quando pude escolher, eu já sabia que havia pessoas que sempre tinham estudado os livros e achei que isso me iria limitar muito, que eu ficaria muito formatada.

Quando foi estudar Direito, imaginava que seria uma advogada que escreveria livros, pensava em conciliar? Sempre achei que o que eu iria ser era escritora, mas tinha que fazer um curso, até porque fazia parte de uma vontade dos meus pais que eu respeitava. Eles não puderam estudar e tiveram um grande desgosto por isso. Deram-me a oportunidade e eu sentia que lhes devia fazer. E também era uma maneira de ser mais independente, se tivesse uma licenciatura, tornar-me-ia mais capaz no mercado de emprego.

Numa entrevista de 2009, portanto dois anos antes de sair *O retorno*, perguntam se não iria escrever um romance

sobre os retornados. Já se falava nisso... Foi um livro muito aguardado, não foi? Como de alguma maneira eu ia contando a história de como comecei a escrever e a relacionava com o fato de ter vindo para cá (Portugal), acho que as pessoas ficaram sempre à espera de que um dia escrevesse sobre isso. Como se, ao contar a história de que tive um acidente grande e fiquei muito tempo hospitalizada, ou que estive para morrer afogada, ficassem à espera (de um livro). Tudo isso é verdade, mas eu nunca escrevi sobre isso. A vida das pessoas é feita de muitas peripécias, mas nem todas são aproveitadas na literatura, servem para uma proposta literária que eu queira partilhar. Por exemplo, esses dois acontecimentos da minha vida, o de ter tido uma acidente muito grave e de ter estado a morrer afogada, eu lembro-me de tudo.

O último romance que você publicou é de 2011 e teve muito sucesso. O seu próximo é muito esperado, mas você parece que não tem pressa. Lembro que uma vez me disse que, se não publicasse mais nada... Já estava bem. Há aquelas pessoas que dizem que nasceram para escrever, que sem escrever morreriam. Eu não. Eu gosto de escrever, acho que é o que faço melhor, mas a escrita não é o centro da minha vida. O centro da minha vida são os meus afetos, isso é que me faria parar de viver. Se eu perdesse todas as pessoas que eu amo, sucumbiria.

E escrever, poderia deixar de escrever? Escrever tem que ver com ter alguma coisa para dizer. A minha maneira de me relacionar com o mundo passa pela escrita e, se calhar, é quase impossível eu não sentir essa pulsão. Neste momento, ainda tenho coisas que quero fazer. Mas se um dia deixar de ter... Da mesma maneira que demorei imenso tempo para publicar, não escrever não me aflige. Como contei, desde criança quis ser escritora, mas demorei até os 37 anos para publicar, e nem nunca me abeirei de uma editora, de um crítico ou de um professor para tornar isso possível. A única coisa que fazia era concorrer a concursos anônimos, e aí até havia mais a ideia do prêmio como uma maneira de ganhar dinheiro, já que tinha desistido da advocacia. Da mesma maneira que, sabendo que era o que eu queria, pude estar tranquila sem me mexer até os 37, posso estar tranquila agora, muito mais tranquila. Porque, na verdade, alguma das coisas que eu queria dizer, já as disse. Já têm o seu caminho. Se eu puser tudo o que já escrevi, tirando as coisas avulsas, já é imenso.

Possivelmente, muitos leitores estão à espera disso. Talvez até gostassem. Mas o que é que me interessa? Já está feito.

É verdade, os seus livros, embora haja alguns assuntos recorrentes, em termos de estrutura, de forma de narrar, eles não têm semelhança nenhuma.

Nem quero. Não são parecidos e não pretendo isso. Não pretendo ter aquilo que se diz que é um estilo, em que se pega numa folha e se pensa: ah, aqui está ele. Talvez a minha identidade se constitua de tal maneira fora da escrita também, que nunca me interessou isso. Quer dizer, interessa-me que as pessoas que eu amo me reconheçam no meio da multidão, isso interessa-me muito. E que saibam, vendo um bocadinho de qualquer coisa minha, identificar. Agora, que um leitor leia uma frase minha e saiba que sou eu? Cada livro me fala de coisas tão diferentes, que seria muito estranho eu estar sempre a escrever da mesma maneira. Seria como se eu fosse a todas as ocasiões da vida com a mesma roupa. O estilo é uma coisa exterior, o que é importante, penso eu, é o que tem para se dizer.

É como se cada livro exigisse um estilo diferente, então. E sirva para aquilo que estou a trabalhar. Por exemplo, o desafio maior de *O retorno* foi ter encontrado aquela voz de um adolescente, eu que sou muito mais velha (que o narrador) e nunca fui um rapaz, evidentemente. Agora, o que é que me interessa andar aqui a escrever só livros como adolescente? Ou escrever livros com uma linguagem tão poética como *Os meus sentimentos*? Naquela altura, e para aquele tema, aquilo interessava-me. Achei que estava certo, mas agora já não me interessa. Dificilmente

repita. Dificilmente aquela fragmentação de *O chão dos pardais* torna a acontecer, como dificilmente o coro do *Campo de sangue*. Ou seja, dificilmente as coisas tornam a acontecer, porque dificilmente eu vou estar interessada naquelas personagens outra vez, e as personagens de alguma maneira ditam a maneira como eu falo delas. Isso vê-se nos meus contos. Tenho contos com linguagem de internet, com linguagem rural, com linguagem quase bíblica, com linguagem administrativa, e não há nenhum que eu diga: gosto mais desse estilo do que do outro. Não, eles estão adequados, no meu ponto de vista, àquilo que eu estava a querer dizer naquela altura.

Pensa na sua obra no futuro, em como a escritora será lembrada? É-me bastante indiferente. Espero que as pessoas próximas recordem mais pelas gargalhadas que dei, pelos jantares que gostava de fazer, pelas festas, e que digam que eu gostava muito de dançar. Os livros vão estar aí, se estiverem, e as pessoas vão continuar a ler ou não ler, e dizer coisas ou não, mas isso é-me mais indiferente. Quer dizer, se os livros continuarem a fazer o que têm feito até aqui, ótimo. Senão, também, segue-se o curso natural, enquanto alguém se lembrar de nós não estamos esquecidos, não morremos completamente. Os livros não são o autor, são uma coisa que o autor fez, mas não são o autor.



Everardo NORÕES

Das nuvens plácidas e de mau agouro

A imagem do branco no
céu une poetas e faz pensar
sobre o Brasil de hoje



Às vezes, um texto que elegemos é tão cativante, que nos apropriamos dele e o tornamos nosso, íntimo. É o que confessou Carlos Drummond de Andrade no prefácio que fez ao *Poemas*. Era o primeiro livro de Joaquim Cardozo, editado em 1947 pelos amigos, em comemoração ao seu aniversário de 50 anos. Drummond comentou o espanto que lhe havia causado a leitura de *A nuvem Carolina*. Mais tarde, numa entrevista, contou tratar-se de um dos poemas de sua preferência. Nele, é narrada a conversa entre o poeta de *Signo estrelado* e uma nuvem com gestos de mulher, no seu “voo viúvo de uma asa”. Um diálogo nada estranho para um artista como Joaquim Cardozo, para quem interpretar acenos de uma nuvem era algo pertinente. Ele, que considerava possível tudo transformar em linguagem, a ponto de ter cogitado gravar os sons do movimento das ondas do mar para traduzi-los em palavras.

Pensar “nuvens” e “preferências” me ocorreu ao assistir, numa “nuvem” internetica” do *Youtube* (<https://www.youtube.com/watch?v=e32iN2rmUXs>), ao *Oratório Nazim*, da autoria de um pianista e compositor de origem turca, Fazil Say, que já se apresentou na sala Osesp, de São Paulo, em maio de 2015. Descobri que o homenageado no *Oratório Nazim*, que dá título à composição, era o poeta turco Nazim Hikmet (1902–1963). A peça, composta para as comemorações de seu centenário, teve sua estreia num espetáculo grandioso, do qual participaram a Orquestra Sinfônica da Presidência da República da Turquia e o Coro Polifônico do Estado. Foi regida pelo próprio autor, Fazil Say. Genco Erkal, o mais consagrado ator de

seu país, fez o recitativo dos poemas de Nazim Hikmet. Um deles, *Passeio ao entardecer*, tem uma estrofe que diz assim:

*As lâmpadas do merceiro se acenderam,
o cidadão armênio nunca perdoou
que tenham degolado seu pai
sobre a montanha curda.
Mas ele te ama,
porque também nunca perdoaste
aqueles que marcaram com essa mancha negra
o rosto do povo turco.(...)*

O Ministério da Cultura da Turquia gravou o *Oratório*. Sabe-se, no entanto, que na edição oficial do CD foi mantido dessa estrofe apenas o verso *As lâmpadas do merceiro se acenderam*. Os outros foram suprimidos, numa acrobacia da censura para tentar encobrir uma alusão ao episódio do massacre dos armênios pelos turcos. No holocausto, ocorrido em 1915, foram assassinadas mais de 1 milhão de pessoas. Meio século após sua morte, os versos de Nazim Hikmet continuavam impedidos de voar livremente, como as gaivotas de seu Mar de Mármara.

Introdutor do verso livre na poesia turca, foi ele quem abriu a poética de sua língua à modernidade. Apesar de ter sido um dos mais importantes autores do século XX, em razão de suas ideias, passou mais de 15 anos em prisões. Uma delas, a de Bursa, é a mesma onde o estudante norte-americano Billy Hayes esteve preso e dela se evadiu em 1975, história que serviu de roteiro ao filme *Midnight Express*.

Nazim Hikmet, como Joaquim Cardozo, também foi “apaixonado” por uma nuvem. Seu conto *A*

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

POESIA EM ÁUDIO

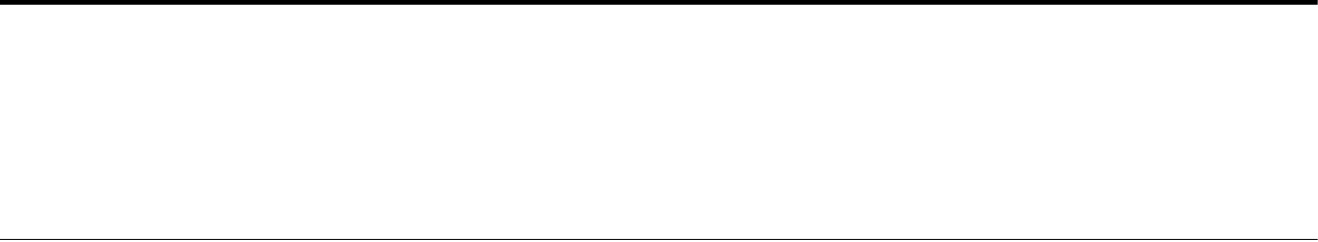
Celina de Holanda é celebrada em CD com seleta de poemas declamados por vozes femininas da cultura de PE

A poeta Celina de Holanda (imagem, 1915-1999) foi homenageada com o lançamento do CD *Celina de Holanda e as Mulheres da Terra*. São 50 poemas nas vozes de Vernaide Wanderley, Maria Pereira Albuquerque, Myriam Brindeiro, Fátima Ferreira, Socorro Torres, Tereza Helena, Dione Barreto, Andréa Mota, Zuleika Ferreira, Ceci Alencar, Cida Pedrosa, Marcela Cavalcanti de Albuquerque,

Maria de Lourdes Hortas, Eugênia Menezes, Adriana Paes Barreto, Lucila Nogueira, Lourdes Sarmento, Marina Nogueira e Tereza Tenório. A iniciativa é uma coprodução das secretarias de Cultura e de Educação da prefeitura do Cabo-PE com a Nordestal Editora. A direção artística é de Jorge Lopes. Celina de Holanda teve sua obra poética publicada pela Cepe Editora, no livro *Viagens gerais*.

ZENIVAL/DIVULGAÇÃO





ARTE SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

nuvem amorosa é a história de um lugar imaginário, “o país da Flauta”. Nele, o personagem Seyfi, o Negro, é o senhor de tudo: montanhas, caravanas de camelos e imensas pastagens. De sua cobiça, apenas havia escapado o deslumbrante jardim de Aïchê. Seyfi faz de tudo para se apropriar dele e, para manter o domínio sobre todas as terras, chega a pedir ao Diabo que o destrua. Mas Aïchê decide enfrentar Seyfi com o apoio de amigos como a Lebre, o Pombo e, sobretudo, uma Nuvem. A *nuvem amorosa* é um conto metafórico que incita a pensar sobre as lutas que nos movem e revela o quanto a força de uma escrita poética pode ser capaz de despertar sentimentos.

Nazim Hikmet e Joaquim Cardozo foram contemporâneos. É bem possível que tenham tido conhecimento um do outro, embora sobre isso não se tenha registro. Sabemos da amizade entre Nazim Hikmet e o poeta russo Vladimir Maiakovski, que também teve sua “nuvem”, a do poema *A nuvem de calças*, no qual escreveu (na tradução de Manuel de Seabra) que

*Se quiserem,
serei apenas carne louca
e, como o céu, mudarei de tom,
se quiserem,
serei impecavelmente delicado,
não serei homem, mas uma nuvem de calças!*

Os dois amigos conviveram em meio aos escritores do movimento futurista russo, no início dos anos 20. Nessa época, Nazim Hikmet morou na antiga União Soviética, fugido da perseguição, após ter tomado parte na luta pela independência

da Turquia e motivado pela recente Revolução de Outubro. Maiakovski, Nazim Hikmet e Joaquim Cardozo observavam o poeta não como um ser social ocioso, mas um operário do verso. E a poesia, uma atividade tão importante quanto as forjas das maquinarias modernas.

A respeito de Nazim Hikmet, anotei no livro *Melhores mangas* que de sua prosódia nos chegam versos, maçãs, amêndoas, nuvens. E os sons das flautas da Anatólia continuam a celebrar o homem sentado contra a parede branca da prisão, que canta: *Meu país: Bedredin, Sinan, Yunus Emre e Sakary, cúpulas de chumbo, chaminés de fábricas – todos trabalhos de meu povo...*

Numa viagem à Turquia, experimentei alguma intimidade com coisas ou pessoas parecidas com as que figuram na grande epopeia desenhada pelo autor de *A nuvem amorosa*. Numa loja de tapetes, no interior do país, partilhei com um professor turco a emoção trazida pela leitura dos poemas do autor de *A nuvem amorosa*. Desse encontro, trouxe um tapete de oração e a recomendação para ler o romance *Memed, meu falcão*, de Yasar Kemal (1923–2015), outro grande clássico da literatura.

No ano passado, mais de meio século após a morte de Nazim Hikmet, foi publicada pela Editora 34 a primeira tradução brasileira de seu livro *Paisagens humanas do meu país*. Seu tradutor, Marco Syraïama, foi o vencedor do prêmio Jabuti 2011, pela tradução de um outro clássico da literatura turca, *O livro de Dede Korkut*.

Embora pareça paradoxal, a leitura de um livro de poemas, vindo de uma Turquia que nos repercute tão distante, quem sabe nos fará compreender melhor essa nuvem de mau agouro que ora atravessa o Brasil.

LIÇÕES PORTUGUESAS

Editora publica obra de auto-ajuda de Fernando Pessoa

A editora Tinta da China lança o livro *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida*, de Carlos Pittela e Jerônimo Pizarro. Entre as lições (acredite): como desrespeitar acordo ortográfico, como interpretar narizes, como reinventar o futebol. A obra quer desmistificar a imagem de que Pessoa era um sujeito isolado e fantasmagórico, mostrando como era atento ao mundo e cheio de projetos e sonhos.

MERCADO

Com reformas amplas e significativas, editoras lançam mão de formas alternativas para poder atravessar a crise

Dois ex-funcionários da Cia. das Letras deverão lançar nova (e enxuta) editora no segundo semestre deste ano. Duas profissionais que pertenceram à extinta Cosac Naify também criaram a pequena Ubu. A Carochinha funciona com apenas dois editores e dois estagiários. A Jujuba tem três funcionários e setores financeiro e de divulgação terceirizados. Segundo o presidente da Câmara

Brasileira do Livro, diante da crise é preciso se reinventar. É o que está fazendo o mercado editorial brasileiro com estruturas mínimas, mas eficazes, e meios alternativos. São exemplos disso o comércio online, transformar os impressos em *e-books*, o apelo ao *crowdfunding* (tipo de financiamento *on line* antecipado). As coedições também são vistas como modelo de dividir custos e reaquecer o mercado.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

1. Contribuição relevante à cultura.
2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

VII É vedado ao Conselho receber textos provenientes de seus conselheiros ou de autores que tenham vínculo empregatício com a Companhia Editora de Pernambuco.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100–140
Recife – Pernambuco



SECRETARIA
DA CASA CIVIL



CAPA

HALLINA BELTRÃO



As contradições do poeta
ainda contaminam a
produção literária do Brasil

Juliana Bratfisch

São quatro da tarde e saio caminhando pelas ruas do centro de São Paulo desejando recolher o que resta de uma cidade não vivida que apenas imagino a partir dos livros de Roberto Piva. Num sopro nostálgico, identifico esquinas míticas, bares reformados, prédios, parques, estátuas, mas os dentes da memória rangem bem-afiados e o tempo pesa demais na paisagem. Esse garoto ouvindo pela milésima vez *Deu onda*, caminhando pela Praça da República, nada se parece com aqueles jovens que perambulavam por ali 60 anos atrás, sempre com um livro de Lorca, Artaud, Ginsberg ou Jorge de Lima nas mãos. Numa última tentativa delirante, me detenho em um detalhe da paisagem: olho para o topo do Edifício Copan, mas ali tampouco estão Polén e Luizinho gozando todo o esperma do universo. O pouco que resta desse delírio nostálgico que nasce da leitura de uma obra talvez possa ser encontrado no meu destino, o segundo andar do número 108 da Avenida São João, na Biblioteca Roberto Piva, onde se encontram hoje reunidos os livros, alguns manuscritos e rastros de uma obra poética importantíssima, no entanto, mais conhecida pelo culto à figura do autor excêntrico que pelo estudo sistemático de seu texto.

Se tentarmos inseri-lo em uma história da poesia brasileira a partir da década de 1960, Piva resiste como uma voz destoante, mas talvez o silenciamento em relação à sua obra e o boicote que tem se propagando dentro dessa história precisem ser reavaliados.

Quando lemos grande parte da bibliografia sobre o autor, temos a impressão de que sua recepção desde o lançamento de *Paranoia* foi se delineando como um caso mais ou menos isolado: primeiro, na década de 1960, um silêncio moralizador da crítica concomitante com uma leitura que o filia diretamente ao Surrealismo; depois, na década de 1970, a estranha união entre sua produção e os demais 25 poetas da antologia organizada por Heloisa Buarque de Holanda; nas décadas seguintes, a “cooptação” de sua poesia pela literatura homoerótica; por fim, a posição que ele ocuparia desde o lançamento de suas *Obras reunidas* pela Editora Globo, a conquista de um público mais amplo e uma eterna redescoberta.

Sua poesia, entretanto, nunca deixou de ser lida, principalmente nos meios jovens da contracultura. No ensaio publicado na *Coleção Ciranda da Poesia*, publicado em 2012 pela editora da UERJ, Sergio Cohn explicita a importância da descoberta de Piva em sua própria formação e relata as inúmeras tardes passadas na Biblioteca Mário de Andrade pesquisando referências guiadas pelos livros de Piva e Willer, copiando à mão poemas dos autores que encontrava. Enquanto editor da revista *Azougue*, Sergio Cohn sempre esteve atento não apenas em publicar os poemas de Piva em diversos números da revista, incitando a formação de novos leitores, como também em abrir espaço ali para a circulação de poetas que conviveram no mesmo período, elegendo suas referências literárias como uma



tradição partilhada. Não por acaso, o primeiro volume da *Coleção Postal*, editada recentemente em parceria entre a Azougue e Cozinha Experimental, é uma antologia da poesia de Piva. Uma coleção por assinatura (que lembra em alguma medida tanto a qualidade como o modo editorial de Massao Ohno), cujo primeiro livro é dedicado à poesia de Piva, não deixa de conter as sementes de um projeto editorial que nasceu na década de 1990 sob o signo dessas leituras.

Quando lemos diversas entrevistas de Piva, notamos muitas expressões repetidas por ele que também se tornaram clichês de sua recepção. Em uma dessas expressões, num tom oscilante entre ressentimento e certo orgulho, ele dizia não ser marginal, mas marginalizado, principalmente por não ter pactuado nem com a universidade, nem com a esquerda militante, estando por muito tempo afastado do centro dos debates mais acalorados de sua época. Como consequência dessa marginalização a que ele teria sido relegado, persiste a ideia de que teria demorado décadas para que houvesse um amplo reconhecimento crítico e editorial de sua obra, que culminou no relançamento da edição de *Paranoia* pelo Instituto Moreira Salles, em 2000.

Em grande medida, é comum que um escritor marginal mantenha sua marginalidade como uma estratégia de distinção, o que acaba sendo finalmente também uma estratégia de autopromoção pela lógica da inversão de valores. Mesmo essa posição de marginalizado, portanto, talvez pudesse ser matizada hoje em dia, pois

A poesia de Piva parece tentar equacionar de forma complexa forças estéticas e existenciais. É de atualidade gritante

me parece serem justamente suas afinidades com a contracultura o que garantiu e garante seu reconhecimento atual no cenário da poesia brasileira.

Sua inclusão em *26 poetas hoje*, por exemplo, antologia heterogênea que buscava reunir tanto poetas mais velhos que estavam com livros há muito tempo esgotados, como uma geração mais jovem, em grande medida de poetas cariocas, que investia na circulação de seus escritos através de edições alternativas e de

baixo orçamento, parece ter sido de suma importância para a circulação da poesia de Piva entre os leitores desse gênero (além de um novo período de publicações inéditas do autor que se inicia com *Abra os olhos & diga Ah!*, em 1975). Um outro movimento que parece fundamental colocarmos nessa conta seria a publicação de sua *Antologia poética* pela editora L&PM, em 1985, de ampla circulação no mercado editorial. Sua recepção, portanto, parece ter sido menos subterrânea do que se propaga, acompanhando o mercado editorial de sua época e formando assim novos leitores de poesia a cada surto editorial. É inegável, entretanto, que o estudo de sua obra no meio universitário realmente seja recente e possivelmente consequência do lançamento das *Obras reunidas* pela editora Globo.

Quando entro na sala em que estão sendo organizados em diversas estantes os mais de cinco mil livros da biblioteca, vislumbro a importância de manter esse espaço, conservando a unidade do acervo do autor, que propicia uma leitura mais consistente de sua obra. Consultados sobre a tentativa malograda de vender a biblioteca para instituições universitárias, tanto Gustavo Benini, detentor dos direitos e ex-companheiro de Piva, como Gabriel Kolyniak, editor da Córrego – editora encarregada da publicação dos inéditos – e responsável pelo espaço na Avenida São João, chamam a atenção para a burocracia existente e para o risco de diluição da biblioteca do poeta em coleções maiores, acentuando a falta de interesse por parte das universidades em obras sobre xamanismo, candomblé, umbanda e ocultismo, fundamentais para compreendermos a poesia de Piva.

Piva costumava dizer que a poesia é sempre uma expressão xamânica e em diversas entrevistas retomou a definição de Octavio Paz de que a poesia é a perversão do corpo para justificar sua posição. Dos surrealistas, da geração *beat*, dos clássicos como Dante e Rimbaud, do xamanismo de Mircea Eliade, dos cantos xamânicos dos índios navajos e das diversas outras obras menos ortodoxas que compõem sua biblioteca, talvez o mais importante tenha sido sua capacidade de transmutar todas as suas leituras em experiência vital, para só assim transportá-las ao corpo do poema. Sobre o longo intervalo entre a publicação de *Piazzas* e *Abra os olhos & diga Ah!*, 12 anos nos quais ele afirma ter ficado sem escrever poesia, Piva dizia que, como escrever era muito desgastante, se fazia necessário “cair na vida, entre um livro e outro, para recolher experiências, para poder transformar alquimicamente a matéria-prima em pedra filosofal”¹. Piva também costumava dizer que não acreditava em poeta experimental que não tivesse uma vida experimental. As frases sucessivas, que parecem indicar uma identificação total e transparente entre o sujeito poético e o sujeito empírico, se confrontam com uma poesia em que se faz apresentação (e não representação) do biográfico, na qual há sempre a interferência de um fora (suas experiências literárias e experiências vividas ou imaginadas) na composição do poema. Quando lemos a transmutação de um encontro amoroso singular, imaginado ou vivido por Piva, em *Ganimedes 76*, por exemplo, nos deparamos com uma reatualização constante da arte do encontro que se dá a cada nova leitura que se faz de seu poema:

*Teu sorriso
olhinhos como margaridas negras
meu amor navegando na tarde
batidas de pêssego refletindo em teus olhinhos de fuligem
cabelos ouriçados como um pequeno deus de um salão rococó
força de um corpo frágil como âncoras
gostei de você eu também
amanhã então às 7
amanhã às 7
tudo começa agora num ritual lento & cercados de gardênia de pino
Teu olhar maluco atravessa os relógios as fontes a tarde de São Paulo
Como um desejo espetacular tão dopado de coragem
marfim de teu sorriso nascosto fra orizzonti perduti
assim te quero: anjo ardente no abraço da Paisagem*²

Escrever parece ter sido a forma privilegiada de sustentar vertiginosamente a singularidade do seu desejo, de dar continuidade infinita ao prazer da experiência de sedução, criando a possibilidade de que o leitor também possa viver de algum modo esse encontro. E sabemos o quanto a literatura de Piva leva a sério o poder da própria literatura. Certamente, em seus poemas, encontramos diversas referências literárias, mas Fernando Pessoa, Mario de Andrade, Dante, Sade, Lautréamont, Rilke, Michaux, entre tantos outros,

CAPA

aparecem menos como marcas de erudição do que como signo de um encontro e de uma autoafirmação. Lidos por Piva, esses autores saem das páginas, transpostos constantemente para a cidade febril, para orgias coletivas e vistos, através de uma erotização de tamanha intensidade, são espelhos de uma imaginação ardente. Basta pensarmos como Mario de Andrade em sua obra, por exemplo, torna-se um personagem maldito e plenamente erotizado, despojado da capa do nacionalismo, perambulando pela noites de São Paulo. Todos os autores, livros e leituras são convocados para atuar de forma anárquica pela cidade.

Uma obra que, como escreve Eliane Robert Moraes no posfácio do segundo volume das Obras reunidas, supõe uma equação bastante complexa na tentativa de sustentar um discurso poético que se volta tanto para as necessidades do coletivo, como para as inúmeras demandas do desejo e para as derivas sem fim da alucinação, é de uma atualidade estonteante. Nessa tentativa de equacionar forças estéticas e existenciais, sua voz poética tão singular se faz resistência contra qualquer sistema de vida baseado na moral, através da transgressão, na escolha das relações homossexuais contra o casal heterossexual, reprodutor e consumidor; do xamanismo e do candomblé contra o catolicismo; das drogas alucinógenas não como alienação, mas como um ritual necessário para se libertar do real cotidiano e opressor. É uma escrita que insiste obsessivamente na subversão das regras morais e estéticas como um modo singular de atravessar o século XX sem envelhecer, ainda que saibamos que o coito anal, ou quaisquer outras formas de transgressão das normas, infelizmente, esteja muito distante de derrubar o capital.

O livro O limite da navalha, de Italo Dibrasi, publicado em 2016 pela Garupa, é o mais próximo em que chego a perceber qualquer reverberação de Roberto Piva na poesia que está sendo produzida hoje em dia. O que mais me impressiona nesse primeiro livro de Italo é uma mesma fome de leituras e experiências transmutadas no corpo de seus poemas, alcançando com isso uma dicção singular na poesia que tem sido escrita hoje em dia. Tendo gravado em 2014 um vídeo no qual Italo recita um poema da terceira parte de Ciclones para o “Empreste sua voz para um poeta morto”, projeto de curadoria do poeta Ricardo Domeneck, a referência explícita da leitura da obra de Piva também aparece nesse seu primeiro livro, no único poema dedicado a alguém:

Erososia
para Roberto Piva, no inferno

Uma lição de amor
para serpentes
ou a peçonha
contra os afetos
higienizados
em paranoia

os infrarrealistas
estão com Blake
em sua Jerusalém
de místicos erotizados:

por Eros contra a caridade
pela diferença contra o uniforme
por Shiva contra a cruz.²

Com a inversão da fórmula de contraposições “contra X por Y”, presente nos manifestos Os que viram a carcaça, esses últimos três versos de Italo – a opção por Eros, pela diferença e por Shiva, contra a caridade, o uniforme e a cruz – talvez procurem nos ensinar uma lição de amor ou ao menos um princípio de delicadeza: devemos bombardear o horizonte através dos nossos sonhos, antes que nos universalizemos no senso comum (recebendo, com isso, os méritos de termos todas as virtudes do mundo, para parafrasear um verso de Paranoia). Lembro que este é um livro escrito durante as Jornadas de Junho de 2013, período em que o país protagonizou uma das maiores manifestações de sua história moderna e também viveu a desilusão de ver suas demandas, seu léxico e suas formas de protesto cooptados pelo senso comum. Italo conseguiu imprimir essa força de insurreição ao escrever um livro que nos mostra que nossa única opção continua sendo afirmarmos a singularidade do nosso desejo, antes que sejamos engolidos pelos afetos higienizados que continuam a ser a regra das relações que nos atravessam.

Escrever, para o poeta, talvez fosse a forma de manter a singularidade do desejo, continuar o prazer das suas experiências

*

É um desafio gerir o espaço idealizado por Gabriel Kolyniak e pela comissão formada pelos poetas e amigos de Piva, Claudio Willer, Roberto Bicelli e Antonio Fernando de Franceschi, mas a iniciativa, com todas as dificuldades que podem surgir, ainda me parece uma alternativa fundamental para pensarmos acervos de escritores. Por mais que uma instituição renomada talvez tenha melhores condições de preservação das obras, o conjunto e a ambientação se perdem. Um pesquisador ou um leitor entusiasta que irá frequentar a biblioteca depois de sua inauguração poderá transitar entre todas as referências da poesia de Piva sem dificuldade, sentindo que faz parte de uma comunidade. Verdade seja dita, mesmo quem nem sequer se interessa pela poesia de Piva pode se beneficiar com a iniciativa de tornar acessível sua biblioteca. Nas duas horas em que estive com Gabriel, fomos batendo papo, falamos muito sobre Piva, é claro, mas transitamos também por outras tantas leituras em comum, das edições de Bataille e dos surrealistas aos livros de Aleister Crowley, passamos pelas estantes de filosofia, literatura italiana e religiões. A impressão que eu tenho é de que nenhum leitor sairia ileso da forte personalidade que essa biblioteca preserva.

Consultado sobre a manutenção do espaço, Gabriel diz que a ideia é promover cursos e criar um formato de assinaturas em que os colaboradores receberiam como contrapartida publicações com artigos, traduções e inéditos de Piva. O volume Antropofagias e outros escritos foi um dos brindes de quem havia colaborado com o projeto em sua fase inicial quando foi feito um arrecadamento coletivo através do site Catarse. Tal livro pode ser encontrado no site da Editora Córrego, assim como a edição de uma plaquete inédita, Carta aos alunos. Nesses volumes, temos alguns ensaios, poemas inéditos, incluindo uma série de poemas, Pongo Dombo – Mala na mão & asas pretas, cujo subtítulo foi utilizado posteriormente no segundo volume das Obras reunidas da Globo.

Investir em inéditos em livro também foi a opção feita pelos editores da Azougue e da Cozinha Experimental na seleção que compõe o primeiro volume da Coleção Postal. Grande parte dos poemas ali presentes foram publicados em revistas e edições há muito tempo esgotadas, como é caso de San Paulo’s improvisation, estreia de Piva na Antologia dos Novíssimos editada por Massao Ohno, em 1961, ou de Manifesto da

poesia xâmanica & bio-alquímica publicado pela primeira vez na Revista Azougue, em 1996.

Há muitos inéditos ainda: todos os poemas lidos por Piva no documentário Antes que eu me esqueça, de Jairo Ferreira, permanecem inéditos em livro, assim como as duas séries completas recuperadas pela pesquisadora Ibriela Bianca Sevilla em sua tese de doutorado, Corações de Hot Dog e Out Door, sem contar o conteúdo, ainda a ser explorado, dos quase 20 cadernos que estão sob os cuidados de Gabriel. Parte desse material, porém, deve interessar apenas aos pesquisadores ou leitores especializados, como é o caso das cadernetas de capa preta que abrigam uma primeira versão do processo de escrita de Piazzas.

Existe um rigor no controle da obra publicada que estaria em franca oposição ao desregramento que Piva protagonizou em vida (ou da imagem excêntrica que ainda prevalece quando pensamos em Piva). Pois, se é verdade que o desregramento era seu modo de viver e discursar sobre a poesia, também é verdade que sua obra publicada em vida é um conjunto orgânico e bem-organizado. Sergio Cohn, no ensaio que integra a coleção Ciranda da Poesia, lembra a experiência de formatação e feitura do Ciclones, a convite do poeta Fabio Weintraub, na editora Nankin: “De um lado, ele sabia da dificuldade que poderia haver em ter outro convite para publicar seus textos; por isso não queria perder a chance de publicar os poemas que considerava importantes. De outro, conversávamos horas a fio sobre a ideia de que um livro precisa ser conciso para se comunicar rapidamente com o leitor”³. Piva parecia construir seus livros menos como uma recolha de poemas produzidos no período que precede a publicação do que como projetos bem-estabelecidos e conscientes. Talvez pensasse em livros muitas vezes portáteis para carregar consigo pela cidade, para ler na cama com seus amantes ou levar na suas viagens à Ilha Comprida ou Mairiporã. Mas essas são apenas hipóteses que sua biografia nos permite elaborar. De todo modo, havia rigor na construção das séries de poemas e seus manuscritos não desmentem a seriedade que tinha em relação à sua obra.

Em uma entrevista realizada por Ademir Assumpção (publicada em livro na série Encontros da Azougue), Piva afirmou que Oswald de Andrade sabia que, quando morre um pajé, morre uma biblioteca viva. O contexto dessa afirmação, ligada à importância dada por Oswald quanto à manutenção da cultura indígena, claramente destoa do que estou prestes a afirmar. Penso que, talvez, entretanto, possamos distorcer a frase de Oswald se acreditarmos que quando uma biblioteca como a de Roberto Piva renasce – principalmente através de cada leitor que atualiza esse legado –, é também um pajé que renasce com ela. É preciso, entretanto, que deixemos de lado o folclore que circunda o autor de Paranoia, para começarmos a efetivamente ler sua obra, buscando compreender como o discurso de um autor sobre sua própria produção pode muitas vezes enfraquecer as leituras que sua poesia proporciona. Seus inéditos e sua biblioteca podem ser elementos de suma importância para sustentar essas leituras que começam a se estabelecer.

- 1. Do livro Os dentes da memória, de Camila Hungria e Renata D’Elia. Editora Azougue, p. 94
- 2. Em O limite da navalha. Editora Garupa, p. 33
- 3. Sergio Cohn. Roberto Piva (Col. Ciranda da Poesia). EdUERJ, p. 59.

O que ler de Roberto Piva

José Juva

José Juva, poeta pernambucano, é autor de Wat-su (Cepe Editora, 2016) e de Deixe a visão chegar: a poética xamânica de Roberto Piva (Multifoco, 2012).

PARANOIA (1963) – Derivas psicogeográficas pela cidade de São Paulo, permeadas de alucinação, delírio e deboche. Antropofagia das vertigens surrealistas e da dicção beat, uma porrada atrás da outra. Também em diálogo com Federico Garcia Lorca de Um poeta em Nova York.

COXAS (1979) – Adolescentes mágicos do subúrbio, sexo e subversão. Clube Osso & Liberdade. A orgia como fascinante forma de iniciação cósmica. Narrativa em ruptura com a narrativa por uma poética da aventura: a busca do Andrógino Antropocósmico.

CICLONES (1997) – Êxtase e vivência dos lugares de poder, entrega em profundidade às respirações da natureza sagrada. Energias máximas condensadas em grãos e estilhaços de visões. Poesia da viagem xamânica, vida autêntica no encontro com as realidades não humanas do planeta.

HALLINA BELTRÃO



RESENHA

A visão como instrumento de liberdade

Livro *Olhos de azeviche* reúne 10 autoras negras em um olhar além do cânone

Fernanda Miranda

Há alguns meses atrás, discursando nas Nações Unidas, a romancista Chimamanda Adichie disse que em sua língua (*igbo*) a palavra amor é *ifunanya*, e sua tradução literal é VER: “*Gostaria de sugerir hoje que este é um tempo para uma nova narrativa, uma narrativa em que nós realmente possamos ver aqueles sobre quem falamos*”, afirma a escritora nigeriana, partindo de sua língua para dizer um tempo presente, trans-atlântico.

O olhar, como tessitura de afeto, sem mediações à representação, acende em *Olhos de azeviche*. Água doce que lava os olhos, podendo dilatar pupilas de quem sempre se vê refletido no cânon – pois, no cenário literário brasileiro altamente conservador e elitista, ver exige fraturar os espelhos eurolimitados de narciso.

Publicada pela editora Malê, com apresentação de Fernanda Felisberto sob o título “*Selfie: Eu Mulher Negra Escritora*”, a antologia já nasce histórica. Dez autoras negras reunidas em livro, encrespando um corpo-*corpus* diferente das diversas antologias disponíveis no mercado editorial, nas quais a política subjazendo seleções segue afirmando os velhos silenciamentos que atravessam o literário no Brasil. A mais recente, lançada pela Companhia das Letras e organizada por Adriana Calcanhotto, propõe um recorte do nosso tempo que se abstém de vozes negras ou periféricas – um “agora como nunca” anacrônico, monocromático.

A maioria das autoras reunidas em *Olhos de azeviche* tem obras individuais em circulação crescente de público e crítica. Diversos contos não são inéditos, mas inédito é o encontro dessas vozes em livro. São elas: Ana Paula Lisboa, Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Fátima Trinchão, Geni Guimarães, Lia Vieira, Miriam Alves e Tais Espírito Santo.

Dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira – eis o portentoso subtítulo da antologia. Renovando: gerúndio com tom imperativo, verbo bom para pontuar essa desejada circulação de ares na literatura brasileira. Por qual razão textualidades que articulam *gênero* e *raça* como lugar de enunciação teriam a pujança de renovar a literatura nacional?

O gerúndio dá pistas, com seu feitio de ação contínua. A escrita se insurge no corpo de suas autoras, por mais que preexistam um *corpus* canônico que sempre o negou. Por isso mesmo, o sentido potente do subtítulo sugere o gosto de um novo tempo em feitura, fortalecendo a fratura no uníssono de vozes (masculinas, brancas, das classes dominantes) que majoritariamente narram a literatura brasileira.

A inscrição autoral do corpo negro no discurso literário funda novas sintaxes, porque tangencia a ficcionalização da experiência de sujeitos que estiveram por muito tempo excluídos da ordem discursiva – escritos nela como meros objetos. Novas sintaxes, de vozes *desemparedadas*, propondo outras perspectivas de ver o humano – quiçá capaz de tecer uma política das suas próprias potências.

São 20 contos e mundos a mais, cada qual alinhavando um ponto de acesso. As narrativas nos levam a uma estrada cognitiva de muitos enredos, cuja porta de entrada é amorosa, porque o afeto, sempre bom lembrar, é revolucionário: “Preta, a saudade tem a sua cor (...) eu só passei pra dizer que te amo. Você ainda é minha festa”. Afeto-grafia de Ana Paula Lisboa.

Seguindo as páginas, ouvidos atentos em *Trutas*, trilha sonora dos Racionais MC’s riscando a arma lírica de mais um rapaz comum da periferia. Igual aqueles outros cinco, *Os meninos do morro do lagartixa*, cinco jovens que saíram animados para comemorar o primeiro salário de um deles, sem saber do trecho Negro Drama que lhes esperava covardemente emboscado dentro de uma viatura policial – “*Olha quem morre, então veja você quem mata. Recebe o mérito, a farda, que pratica o mal, me ver pobre preso ou morto, já é cultural*”. Os meninos, corpos negros furados com 111 tiros disparados pela polícia num dia comum em São Paulo, são os personagens com nome e sobrenome da ácida crônica de Cidinha da Silva, tomando a narrativa como espaço de luto e de luta.

Conceição Evaristo está presente na antologia com os contos *Di Lixão* e *Amores de Kimbá*. Escritora conceituada, recentemente contemplada com o prêmio Faz diferença – O Globo, com seu mais novo livro de contos *Histórias de leves enganos e parecenças* e em 2015, premiada com o Jabuti na cate-



goria contos pela obra *Olhos d'água*. Evaristo escreve poemas, contos, romances, e é doutora na área de Literatura Comparada. Seus livros têm sido traduzidos e publicados fora do país e angariado uma fortuna crítica crescente. Ela tem constituído um lugar autoral contra-hegemônico dentro do edifício literário nacional, formalizando o conceito de *escrevivência* em seus textos: “*A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e, sim, para incomodá-los em seus sonos injustos*”.

A voz, formalizando espaços de liberdade para os organismos, ressoa em *Pixaim*, conto em primeira pessoa de Cristiane Sobral, lembrando que o cabelo, para além da moda e da estética, é a superfície que mais intensamente performatiza as políticas de representação afirmativa e de amor-próprio para as mulheres negras: em cada enredo capilar, uma arena cotidiana. “*O meu cabelo era a carapaça das minhas ideias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos*”, diz a personagem, num fértil diálogo com o texto de Alice Walker “*cabelo oprimido é um teto para o cérebro*”.

Sem teto para a ficção, em *Guarde segredo*, Esmeralda Ribeiro ressuscita o escritor Lima Barreto, reescreve seu personagem Cassi Jones, e afia as facas de Clara dos Anjos, que deliciosamente vinga muitas mocinhas sem agência de tantas histórias do nosso cabedal literário. O romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, é uma forte denúncia do preconceito racial da sociedade, vivenciado por uma jovem mulher negra do subúrbio carioca. Encantada pelo canalha Cassi Jones, que a seduz e abandona grávida e humilhada, Clara é vítima de

ARTE SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



violentos preconceitos de uma ordem social sexista e estruturalmente racista. Sua trajetória é de tamanho emparedamento, que, ao final do romance, como se falasse em nome de todas as mulheres em iguais condições, conclui em desespero: “– Nós não somos nada nesta vida”. Aí que, pensando a literatura em ato, ressalta o gesto do conto de Esmeralda Ribeiro: criar um lugar de agência para o feminino negro, que guerreia com quem queira lhe destruir a existência. Facas afiadas, avocar o contemporâneo como episteme pode ser um mecanismo instigante de ler o passado. Armada das palavras de Esmeralda, Clara dos Anjos mata Cassi Jones às facadas. Final feliz? Redenção? Não se trata disso. Mas, sim, da abertura para outros matizes, outras paisagens imaginárias possíveis, que concebem a feminilidade negra inscrita em personagens que são sujeitos de seus desfechos.

Esse olhar azeviche também repousa na experiência da criança negra. De Geni Guimarães, dois fragmentos do livro de contos *Leite de peito* (1988), estão republicados na antologia. Em *Primeiras lembranças*, ouvimos uma conversa entre mãe e filha: “Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?”. Numa narrativa contínua, *Metamorfose* põe a infância negra em perspectiva a partir do processo de violência subjetiva que vinha ligado ao acesso à escolarização. A menina, protegida pelo amor da família, um dia vai pra escola e lá percebe “que a narrativa da professora não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. (...)” Depois de ouvir o discurso da professora sobre o negro escravo, construído como covarde, submisso e subalterno, a menina amiúda:

Segundo Evaristo, a escrevivência não pode ser lida para ninar a casa-grande, mas para incomodá-la em seus sonos injustos

“Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa dali representando uma raça digna de compaixão, desprezo. Quis sumir, evaporar, não pude”. Frases que imediatamente me remetem a outra menina negra de nossa literatura brasileira: a Bitita, com Carolina Maria de Jesus narrando a infância negra no pós-abolição: “As escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. As professoras aceitavam os alunos negros por imposição”.

Lia Vieira, algumas páginas seguintes, vem adotar de lazer a carne-malícia-coração do leitor em *A paixão e o vento* e *Os limites do moinho*, este último uma

história de amor em primeira pessoa vivida durante um congresso de escritores em Havana. Texto tátil-amor, temperado. Bom pra quem morde, arranha, dedilha a carne da palavra *encontro*.

Miriam Alves, autora do romance *Bará, na trilha do vento* (2015), está presente na antologia com os contos *Os olhos verdes de Esmeralda* e *Alice está morta*, que traz um Orfeu revisitado. Textos de apurada tessitura, com personagens femininas complexas e marcantes. No primeiro, linhas de amor lésbico escrito entre duas mulheres negras, Esmeralda e Marina, alvos de uma sociedade homofóbica, constituída, nos termos de Judith Butler, por uma matriz heterossexual que gera os padrões reconhecidos de inteligibilidade dos gêneros, e todo o tempo pratica o *alterocídio*. Entre beijos, amassos, juras, companheirismo e entrega, o amor encontra seus jeitos. Mas, um dia, o amor cruza uma via-tura policial. *Os olhos verdes de Esmeralda* já havia sido publicado em *Mulher Mat(r)iz – Prosas de Miriam Alves* (2011). Nas linhas do conto, a vista do cotidiano contemporâneo – violento, machista, homofóbico, racista – revela a mesma sociedade que matou Luana Barbosa no ano passado, uma mulher negra, jovem, mãe, estudante, lésbica, brutalmente assassinada por policiais militares no interior de São Paulo. Certas narrativas precisam ser retidas na memória, vertidas em metáfora. Olhe o real (literário) ao seu redor: quais vidas importam?

Olhos de azeviche, vias de afeto. O que este olhar diz de seus espelhos? O que diz de nós? Do tempo que vivemos? Lava, lacrimeja os olhos. Dilata as pupilas. Amplia as miras.

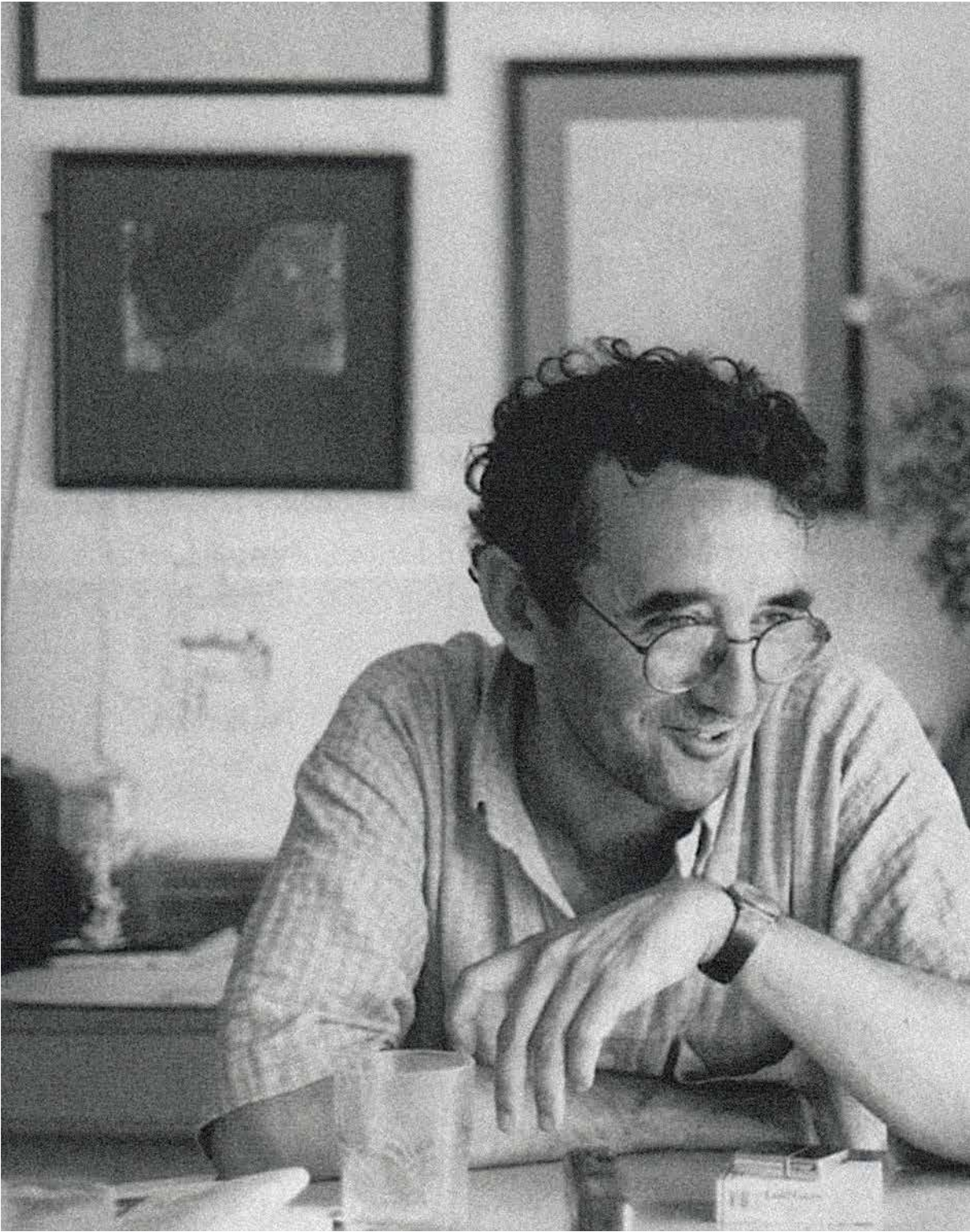
RESENHA

Corram para ver onde estão as estrelas

Em romance póstumo, Roberto Bolaño faz a sua *sci-fi* latino-americana possível

Schneider Carpeggiani

DIVULGAÇÃO



I am a motherfuckin Starboy
The Weeknd

Um poeta pode suportar tudo. O que equivale a dizer que um homem pode suportar tudo. Enrique Martín era homem, poeta e também chileno morando (ou talvez exilado) em Barcelona. Atuava como colaborador da revista *Preguntas & respuestas*, jornal barato que se dedicava a cobrir óvnis, fantasmas, aparições marianas, cultos pré-colombianos e outras aparições paranormais, que num relance de liberdade poderíamos etiquetar como ficção científica (ou *sci-fi*, como E.M. preferia escrever). Por um tempo, enviou ao contrterrâneo Arturo Belano (esse, sim, sabemos um exilado) estranhos cartões-postais com numerações misteriosas, que poderiam ser lidas como código de conversa entre o remetente e algum, quem sabe, E.T. (se você não compreende, coloque a culpa em algo fora da órbita do banal, mas repasse a culpa, repasse a incompreensão).

E.M. foi encontrado morto em seu quarto com as paredes todas rabiscadas por equações (659983 + 779511 = 336933, coisas assim, inexplicáveis). Pouco antes, havia participado de um congresso de escritores de ficção científica em Madri e deixado sob a guarda de Belano uma caixa cheia de escritos, que passou dois anos fechadas, mas que no lugar de qualquer revelação sobre sua morte trazia apenas poemas. Maus poemas.

É possível dizer que E.M. vivia como exilado em Barcelona porque nascera no mesmo ano de Belano, 1953. Fazia parte de uma geração que contava com 20, 20 e poucos anos, quando do 11 de setembro chileno. Uma geração que da violência, da verdadeira violência, não poderia escapar. Ar-

turo Belano é *alter ego* de Roberto Bolaño, também nascido em 1953 e exilado primeiro no México e depois na Espanha. Pela vida inteira, pela obra inteira, Bolaño se colocou como fugitivo dessa violência, dessa verdadeira violência, e do barulhento silêncio que acompanhava o toque de recolher a cair sobre as ruas de Santiago após 1973. A história de E.M. é relatada em *Enrique Martín*, um dos contos de *Chamadas telefônicas*, lançado originalmente em 1997.

Planet Earth is blue and there's nothing I can do
David Bowie

Lembrei Enrique Martín, a tristeza de Enrique Martín, as colaborações que ele escrevera para seu jornal especializado em sobrenatural, nas numerações misteriosas enviadas a Belano, nas numerações na parede quando do seu suicídio, das suas tentativas de fazer contato, durante a leitura de *O espírito da ficção científica*, recém-lançado romance póstumo de Bolaño, escrito em meados dos anos 1980. Um dos primeiros exemplares terminados da sua produção alucinante e obsessiva, que corresponde da década de 1980 até sua morte, em 2003. Aqui, a ficção científica do título é justamente isso: espírito, mas não no sentido de essência, de constituição, mas de assombração. Talvez a assombração de E.M. Não se trata de livro de *sci-fi* na tradição norte-americana de um Philip K. Dick, e, sim, da possibilidade de contato, do fantasma do contato – e a possibilidade de contato talvez seja uma das facetas da ficção científica, gênero dependente da falsa ilusão que é possível quebrar o realismo com *aliens* assassinos e naves coloridas



a cortar o céu. Mas não é possível pensar fora do universo. Não é possível pensar fora de casa, como Juan Rulfo um dia decretou ao começar o romance mais importante da literatura de língua espanhola moderna, *Pedro Páramo*, como inevitável retorno para casa. Para o pai.

O que podemos imaginar sempre existe, em outra escala, em outro tempo, nítido e distante, como num sonho
Ricardo Piglia

O espírito... consiste numa sequência de desventuras de jovens escritores latino-americanos perdidos na América Latina. Um deles é fascinado pelos grandes mestres da ficção científica norte-americana e passa o dia lhes escrevendo uma vã correspondência. Nas mensagens, faz referência a um Comitê Norte-Americano de Ficção Científica Pró-Flagelados do Terceiro Mundo. Penso nessas cartas como pedidos de socorro, SOS, como tentativas de contato. Como a numeração que E.M. um dia espalhou, sem jamais ter conseguido ele próprio escrever qualquer romance de ficção científica, deixando como legado apenas poemas. Repito: maus poemas.

A tentativa de fazer contato é a marca mais forte das grandes obras deixadas por Roberto Bolaño. Cesárea Tinajero, musa-mãe dos jovens poetas mexicanos, desaparecida desde a década de 1920, é sua personagem célebre e espécie de sustentação do romance que o consagrou, *Detetives selvagens* (1998). O possível reencontro com essa figura mítica salvaria da desolação todos os poetas do *underground* mexicano dos anos 1970, do qual Bolaño fez parte

O espírito da ficção científica é um arquivo no qual Bolaño semeou os temas que marcariam sua obra posterior

no período em que escreveu o Manifesto do Infrarrealismo (que em *Detetives...* recebeu o nome de “realismo visceral”). A personagem de Cesárea faz pensar numa ligação do Infrarrealismo/realismo visceral com o grupo Estridentista, que fundou a vanguarda mexicana, tendo como lideranças os nomes de Maples Arce, Germán Arzubide e Arques Vela. Esses autores pregavam uma renovação poética ao lado de um conteúdo social. Ou seja: era um grupo formado por escritores crentes na relação entre vida e arte, perspectiva presente no Manifesto Infrarrealista e em toda obra posterior de Bolaño.

2666, outro romance póstumo de Bolaño, parte também da tentativa de fazer contato com um escritor, o alemão Benno von Archimboldi. O seu

primeiro parágrafo é o relato de um germe prestes a alastrar sua praga: “A primeira vez que Jean-Claude Pelletier leu Benno von Archimboldi foi no Natal de 1980, em Paris, onde fazia estudos universitários de literatura alemã, aos dezenove anos de idade. O livro era *D’Arsonval*. O jovem Pelletier então ignorava que esse era parte de uma trilogia (formada por *O jardim*, de tema inglês, *A máscara de couro*, de tema polonês, assim como *D’Arsonval* era, evidentemente, de tema francês), mas essa ignorância ou esse vazio ou esse desleixo bibliográfico, que só podia ser atribuído à sua extrema juventude, não subtraiu em nada o deslumbramento e a admiração que o romance lhe causou”. Deslumbramento e admiração, palavras que aqui merecem ser frisadas.

Detetives selvagens e *2666* são dilatações de uma busca que Bolaño parece ter tomado como mote para sua produção a partir de *Estrela distante* (1996), primeira obra-prima da sua carreira. *Estrela distante* cobre os momentos que antecedem o golpe de Pinochet e percorre as décadas seguintes, com as lembranças e as derrapagens dessas lembranças. O escritor desaparecido é Alberto Ruiz-Tagle ou talvez Carlos Wieder (duplo, em alemão), um homem que, assim como Cesárea Tinajero e Benno von Archimboldi, se tornou célebre por sua meta bem-sucedida em tornar-se invisível. E talvez a busca pelo invisível diga muito sobre o que um dia o autor acreditou ser o “espírito” da ficção científica

– Quer dizer que você sonhou com a Thea von Harbou...

– Sim, era uma moça loura.

– Mas você algum dia viu uma foto dela?

– Não.

– Como soube que era a Thea von Harbou

– Não sei, adivinhei. Era como a Marlene Dietrich cantando *A resposta está no vento* do Bob Dylan, sabe? Uma coisa estranha, aterrorizante, mas muito próxima, não sei como, mas próxima.”

Roberto Bolaño, em *O espírito da ficção científica*.

Talvez a melhor chave de leitura para *O espírito da ficção científica* não seja pensar nele como um romance. Mas como um arquivo, um arquivo onde Bolaño parece ter inserido todas as ideias que um dia atravessariam suas grandes obras: a vida de jovens escritores, o fascínio pelos grandes mestres, a crítica aos grandes mestres, a busca pelo invisível como sintoma de uma geração e a sombra de “uma coisa estranha, aterrorizante, mas muito próxima”.

Acredito que o lançamento de *O espírito da ficção científica* seja crucial nesse momento de ascensão da direita em que obras distópicas da ficção científica do século XX estejam sendo redescobertas como alegorias/prenúncios dos dias que correm. Bolaño foi engenhoso ao subverter as leituras das grandes distopias de língua inglesa. No lugar de escrever ficção científica com enredos aterrorizantes, colocá-los em histórias lidas por seus personagens, em pesadelos que os perseguem e nas miragens que costumam acometer todos aqueles que buscam em algum momento fazer contato com algo ou alguém. Conta essas histórias como se elas fossem uma espécie de cenário oco, você tem a porta e nada por dentro. Um lugar de visitação, mas não de convívio. Não se habita um sonho, não se habita uma memória, não se conversa com o invisível, ainda que essas ações nos persigam o tempo inteiro. É insuportável viver sob o signo de um sintoma e sobre isso Bolaño escreveu a vida inteira.

O espírito dessa ficção científica me faz lembrar a epígrafe que o autor usou no seu livro *Amberes* (de 2002, ainda inédito no Brasil), citando uma frase de David O. Selznick: “La vida concluye en el momento en que se la fotografía. Es casi un símbolo de Hollywood. Tara no tenía habitaciones en su interior. Era sólo una fachada”.

É como se o melhor da ficção científica latino-americana (e quando falamos latino-americana aqui destacamos o histórico comum e recente de ditaduras que é quase sinônimo dessa expressão) fosse não um alumbramento do que poderia ser o futuro, mas uma fuga do passado que resulta em maus sonhos durante a noite (a violência, a verdadeira violência, da qual não se escapa nem mesmo dormindo). Era assim que Bolaño via estrelas.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente
+
Suplemento Pernambuco
0800 081 1201
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



VIAGENS GERAIS
Celina de Holanda

Comemorativo do centenário da poeta pernambucana Celina de Holanda, reúne seus livros publicados *O espelho e a rosa* (1970); *A mão extrema* (1976); *Sobre esta cidade de rios* (1979); *Roda d'água* (1981) e *As viagens* (1984); os inéditos *Afago e faca* e *Tarefas de Nigiam*; além de poemas publicados em antologias.

R\$ 70,00



E EU, SÓ UMA PEDRA
Helton Pereira

Ilustrado pelo artista gráfico mineiro Cau Gomez e vencedor do I Prêmio Cepe Nacional de Literatura (categoria infantojuvenil), este livro aposta na invenção, com trato cuidadoso da fantasia e ousadia intelectual. O protagonista é um personagem singular, que foge dos clichês das histórias infantis.

R\$ 30,00



POESIAS COMPLETAS
Sebastião Uchoa Leite

Reúne a produção do pernambucano Sebastião Uchoa Leite, em coedição da Cepe Editora e Cosac Naify, com *Dez sonetos sem matéria*, *Antilogia*, *Isso não é Aquilo*, e *Obras em dobras*. Inclui também *Dez exercícios numa mesa sobre o tempo e espaço*, *A uma incógnita*, *A ficção vida*, *A espreguiça* e *A regra secreta*.

R\$ 40,00



VIAGEM AO BRASIL (1644-1654)
Peter Hansen Hajstrup

É um dos raros relatos de gente de baixa patente recrutada pela Companhia das Índias Ocidentais para servir em seu exército no Brasil. O autor, jovem dinamarquês de origem camponesa, descreve num diário os estereótipos da presença holandesa em Pernambuco, entre 1644 e 1654, num relato de violência e miséria.

R\$ 50,00



MANUSCRITOS EM GRAFITE
Rejane Paschoal

Vencedor regional no IV Prêmio Pernambuco de Literatura (parceria Cepe/Fundarpe), desenvolve contos que aprofundam olhares sobre a existência humana, tendo a memória e a morte como um retrato antigo entre escombros, um olhar sensível sobre personagens e narradores que garante a unidade subjacente da seleção.

R\$ 30,00



MOACIR SANTOS OU OS CAMINHOS DE UM MÚSICO BRASILEIRO
Andrea Ernest Dias

Moacir Santos foi professor de Baden Powell, Roberto Menescal, Sérgio Mendes, João Donato, Nara Leão, Eumir Deodato e Carlos Lyra, entre outros. Conhecido pelo virtuosismo, tocava saxofone, piano, clarineta, trompete, banjo, violão e bateria. Vivendo desde 1967 nos Estados Unidos, recebeu inúmeras distinções.

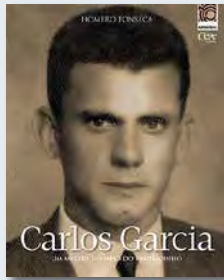
R\$ 40,00



MEUS QUERIDOS AMIGOS
Dom Helder Camara

A jornalista Tereza Rozowykwiat selecionou 200 das 2.549 crônicas que Dom Helder leu no programa *Um olhar sobre a cidade*, da Rádio Olinda, tratando de temas políticos e injustiças sociais, paralelamente a textos em que falava de religião, atitudes sociais, amor, e suas visões sobre o universo e a natureza.

R\$ 60,00



CARLOS GARCIA. UM MESTRE NO MEIO DO REDEMOINHO
Homero Fonseca

Referência do jornalismo pernambucano na segunda metade do século XX, Garcia esteve no centro do furacão da política brasileira, envolveu-se com as novas tecnologias jornalísticas, escreveu livros e ainda teve tempo para formar toda uma geração de profissionais na sucursal do *Estado* no Recife, que chefiava.

R\$ 80,00



ENSAIOS PSICANALÍTICOS EM INTERFACE COM A FILOSOFIA
Zeferino Rocha

Temas existenciais como o Cuidado, a Dor, a Ilusão e a Desilusão, a Paixão Amorosa e o Amor, o Desamparo e a Depressão, são abordados neste livro que entrelaça as teorias psicanalíticas com as questões filosóficas, buscando compreender as contradições que atingem o homem num mundo contemporâneo conturbado.

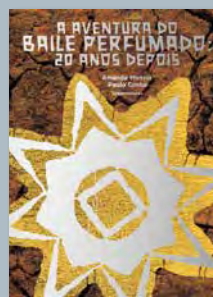
R\$ 50,00



PARA ONDE VAI A TELEVISÃO BRASILEIRA?
Luiz Carlos Gurgel

Análise da situação da TV aberta no Brasil e caminhos futuros. O impacto das novas tecnologias, concorrência com a internet e a TV por assinatura, interatividade e multiprogramação, importância das novelas e telejornais como elementos de fidelização, e a TV como ferramenta educacional são alguns dos temas.

R\$ 30,00



A AVENTURA DO BAILE PERFUMADO: 20 ANOS DEPOIS
Paulo Cunha
Amanda Mansur (Orgs)

O *Baile Perfumado* marcou a retomada do cinema pernambucano, abriu caminho para novos diretores, adotou uma estética de qualidade com baixo custo, e influenciou na cena, que passou a contar com incentivo público para a produção audiovisual, cursos de cinema, crescimento do cineclubismo e participação em festivais.

R\$ 55,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Bartyra Soares

SOBRE A OBRA

Os poemas integram o livro *Recife em tom menor*, que será lançado no fim deste mês pela Cepe Editora.



REPRODUÇÃO

RECIFE ANTIGO

Trazida pelo vento da tarde
no Recife de relíquias
a chuva mata a sede das poças
de ruas de reentrâncias partidas.

Os bairros se contraem friorentos
agasalhando-se no crepúsculo antecipado,
mergulhando em puídas lembranças
contidas nos sobrados, tantos já em ruínas.

Enquanto em vasilhas e tachos,
a água das goteiras continua
ritmando o transcurso das horas.

CIDADE MAURÍCIA

Durante alguns dias
quando houve no cerne
do abismo a queda do sol
deglutido por horas incertas
na repetida caminhada
para o outro hemisfério,
os habitantes da cidade
tingida de cinza e solidão
sabiam que naquelas noites
absurdo seria esperar estrelas.

Das janelas semiabertas em vigília
a luz era fragmentar-se de asas
escoando-se para a escuridão.

EXPECTATIVA

Só não são absurdas as noites
de agosto porque algumas estrelas
insinuam sua frágil tepidez
pelas janelas abertas em vigília
dos que ainda levam na planta dos pés,
embutida a crença de que o Recife,
um dia, possa nas nossas mãos
a primavera depositar

INÉDITOS

Aleksandra Kollontai
Tradução de Priscila Marques

SOBRE A OBRA

Texto do livro *A revolução das mulheres* (Boitempo), com escritos de autoras russas sobre emancipação feminina, feitos durante a Revolução Russa de 1917.



Lutadoras da Revolução Russa

Para a Grande Revolução de Outubro, quem foram elas? Indivíduos? Não, uma massa, dezenas, centenas de milhares de heroínas anônimas que caminharam lado a lado com operários e camponeses em nome da bandeira vermelha, com o lema dos soviets, através das ruínas do ódio só passado religioso e tsarista em direção a um novo futuro...

Se olharmos para o passado, veremos essas massas de heroínas anônimas nos dias de Outubro em cidades famélicas, em vilas destituídas e espoliadas pela guerra... Paninhos na cabeça (ainda eram incomuns os lenços vermelhos), saias puídas, casacos remendados... Jovens e velhas, trabalhadoras e soldadas, camponesas e donas de casa, da camada pobre da cidade. Raras, muito mais raras naqueles dias eram as mulheres empregadas, da *intelligentsia*. Mas também havia mulheres da *intelligentsia* entre aqueles que carregaram a bandeira vermelha na vitória de Outubro: professoras, funcionárias de escritórios, jovens universitárias, estudantes ginasiais, médicas. Caminhavam alegres, abnegadas, assertivas. Para onde quer que fosse, lá iam elas. No *front*? Quepe na cabeça, e logo se tornavam soldadas

do *front* vermelho. Se amarrassem uma faixa vermelha no braço, significava que estavam correndo para o posto médico para socorrer o *front* vermelho contra (Aleksander Fyódorovich) Kiérenski, que ficava em Gátchina. Trabalhavam na comunicação. Grandes coisas são criadas com prazer, alegria e sentimento, mas nós éramos uns parafusinhos na classe geral da revolução.

Nos vilarejos, as camponesas solteiras (as que foram enviadas para o *front*) tomavam a terra dos proprietários e purificavam os nobres ninhos daqueles “senhores” que há séculos estavam sentados neles...

Quando lembramos os dias de Outubro, não vemos rostos individuais, mas uma massa. Sem número, como se fossem ondas de gente. E para onde quer que se olhe, por toda parte há mulheres: nos comícios, reuniões, manifestações...

Ainda sem ter total clareza do que queriam, do que pretendiam. Mas já sabiam perfeitamente: não aguentamos mais guerra. Também não queriam saber dos proprietários, dos ricos às suas custas... O grande mar de gente ficou agitado em 1917, e nele havia muitas e muitas cabeças femininas...

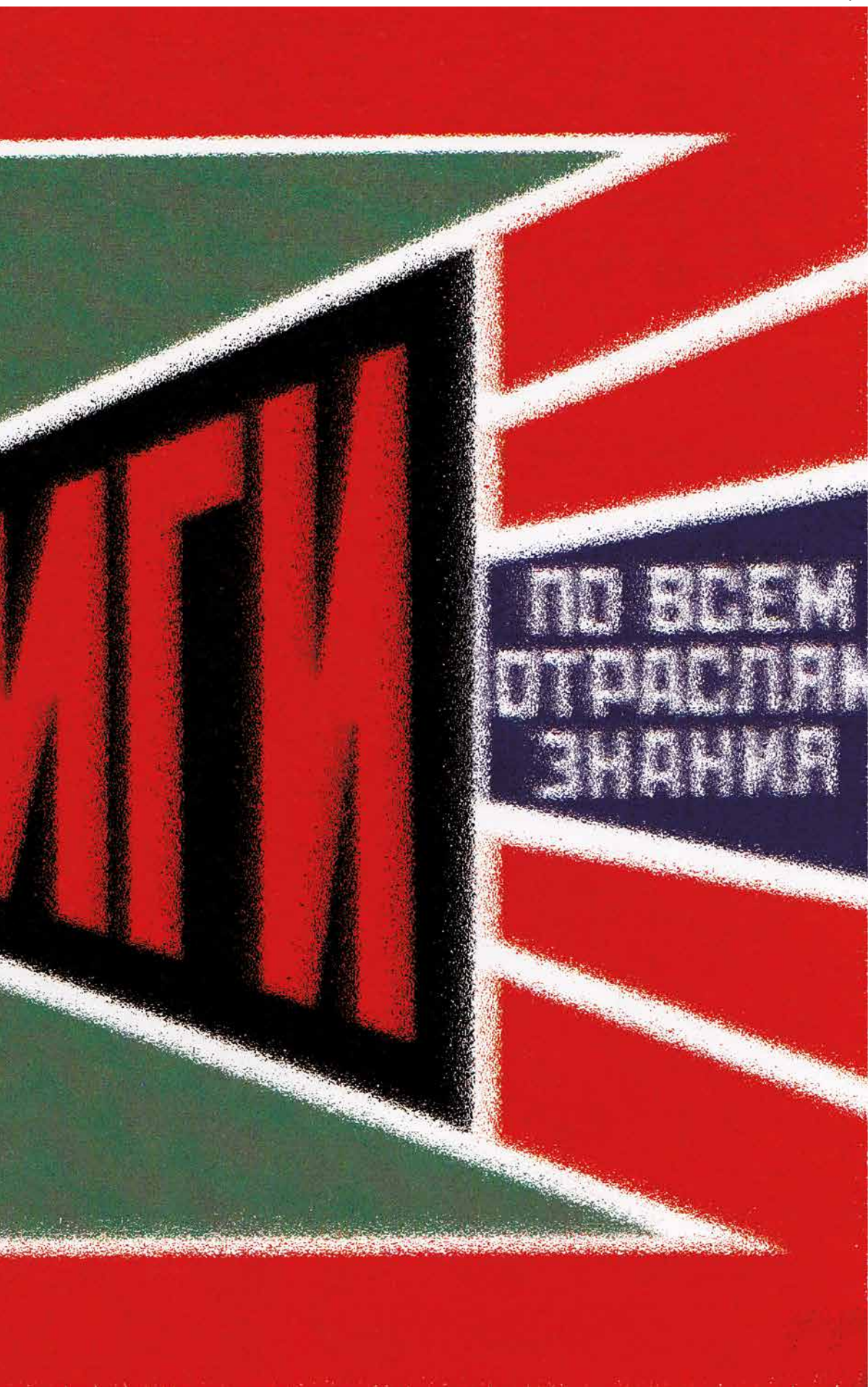
Algum dia os historiadores escreverão sobre o que fizeram essas heroínas anônimas, mortas no *front*, executadas pelos brancos (Exército Branco, pró-tsarista), que aguentaram a miséria extrema dos primeiros anos da Revolução e mesmo assim não largaram a bandeira vermelha do poder dos soviets e do comunismo.

Elas, essas heroínas anônimas, mortas em nome de uma nova vida para os trabalhadores nos dias do Grande Outubro, receberam a primeira reverência da jovem União, em que agora a juventude constrói, alegre e satisfeita, a base do socialismo.

Involuntariamente, porém, sobre esse mar de cabeças femininas com seus lenços e quepes gastos, erguem-se as imagens daquelas mulheres que receberão especial atenção do historiador quando, daqui a muitos anos, ele for escrever a respeito de como o Grande Outubro ocorreu e se desenrolou com seu inspirador Lenin.

Em primeiro lugar, está a imagem da fiel companheira de armas de Lenin, Nadiêjda Konstantínovna Krúpskaia. O modesto vestido cinza e seu costumeiro esforço por permanecer

ARTE SOBRE IMAGEM DE REPRODUÇÃO



à sombra, entrar na sala de reunião sem ser percebida, sentar-se atrás de uma coluna. Mas ela mesma vê, ouve e observa tudo para transmitir a Vladimir Ilitch, acrescentar comentários precisos e buscar um pensamento racional, correto e necessário.

Nadiêjda Konstantínovna não discursava nos turbulentos comícios com milhares de pessoas, nos quais o povo decidia a grande disputa: unir-se ou não ao poder dos soviets? Mas ela trabalhou incessantemente, foi o braço direito de Vladimir Ilitch e às vezes fazia nas reuniões do partido uma observação curta, mas de peso. Nos momentos mais difíceis e perigosos, nos dias em que muitos camaradas fortes perdiam o ânimo e começavam a ter dúvidas, Nadiêjda Konstantínovna se mantinha igualmente convicta, confiante da justeza do trabalho iniciado e com fé na vitória. Ela irradiava uma crença inabalável, e essa firmeza de espírito, oculta sob rara discrição, sempre encorajava a todos que se juntavam aos companheiros de armas do grande criador de Outubro.

Ao lado, surge outra imagem: também uma antiga companheira de armas de Vladimir Ilitch, sua fiel escudeira nos distantes anos de trabalho clandestino, precisa condutora das decisões do partido, por muitos anos secretária do Comitê Central, Elena Dimítrievna Stásova. Testa larga e alva, rigor e capacidade de trabalho incomuns, rara habilidade de “perceber” as pessoas que devem ser “lançadas” ao trabalho. Assim se via sua figura alta e forte, no princípio, em

Tavritcheski, no soviets, depois, na casa de (Matilda) Kchesínskaia e, enfim, nos salões de Smolni. Nas mãos, um bloco de anotações; ao redor, buznavam, importunavam, buscavam uma resposta rápida e exata, uma ordem do camarada no *front*, os trabalhadores, trabalhadoras, guardas vermelhos – membros do partido, membros dos soviets...

Stásova tinha muitas responsabilidades, mas, se algum camarada estivesse necessitado ou sofrendo naqueles dias turbulentos, ela respondia de forma breve, até seca, e fazia o que era possível. Vivía atolada de trabalho, mas sempre a postos. No entanto, não se enfiava na linha de frente, à vista. Não gostava de alvoroço à sua volta, a preocupação não era com ela mesma, mas com o trabalho.

O grande e amado trabalho do comunismo, motivo pelo qual esteve no exílio, contraiu doenças nas prisões tsaristas... Na lida, era forte como um sílex, de aço. E, para a infelicidade dos camaradas, tinha a sensibilidade e a empatia que só as mulheres de grande alma têm.

Klavdia Nikolaeva era uma trabalhadora, chão de fábrica, dos estratos mais baixos. Ainda em 1908, nos anos da reação, juntou-se aos bolcheviques. Exílio, prisão... Em 1917, voltou a Leningrado e se tornou o coração da primeira revista das mulheres trabalhadoras, *A Comunista*. Ainda jovem, era toda impulsividade e impaciência. Mas segurava firme a bandeira. E dizia com coragem: É preciso trazer as mulheres trabalhadoras, soldadas e camponesas

Quando lembram Outubro de 1917, não se veem rostos individuais. Mas havia muitas, muitas cabeças femininas no front

para o partido. Ao trabalho, mulheres! Em defesa dos soviets e do comunismo.

Quando discursava nas reuniões ainda ficava nervosa, não tinha autoconfiança, mas fascinava a todos. É uma das que carregaram sobre os ombros toda a dificuldade de estabelecer os fundamentos para o engajamento amplo e massivo das mulheres na revolução, que lutou em duas frentes: por um lado, pelos soviets e o comunismo e, por outro, pela emancipação da mulher. Klavdia Nikolaeva e Konkordia Samoilova, mortas (de cólera) em seus postos de trabalho revolucionário em 1921, são dois nomes aos quais estão indissolivelmente ligados os primeiros passos do movimento das mulheres trabalhadoras, especialmente em Leningrado. Konkordia Samoilova foi uma trabalhadora abnegada como não há, uma boa oradora, que sabia encantar o coração do proletariado. Todos que com ela trabalharam não se esqueceram e por muito tempo não se esquecerão dela. Era simples no tratamento, com sua vestimenta modesta, exigente no cumprimento das decisões tomadas e, por isso, rígida tanto consigo quanto com os outros.

Uma posição especial ocupa a figura encantadora e delicada de Inessa Armand. Ela foi responsável pelo trabalho do partido na preparação de Outubro e, depois, introduziu muitas ideias criativas para as ações com as mulheres. Apesar de toda sua feminilidade e delicadeza no tratamento com as pessoas, Inessa Armand era inexorável em suas convicções e sabia se manter firme naquilo que considerava correto, mesmo quando se tratava de opositores bastante fortes. Após os dias de Outubro, ela dedicou sua energia à construção de um amplo movimento de mulheres trabalhadoras. As assembleias de delegados são sua cria.

Varvára Nikoláevna Iákovleva prestou enormes serviços nos difíceis e decisivos dias de Outubro. No fogo das batalhas de barricadas, ela demonstrou uma rigidez digna de um líder do partido. Muitos camaradas diziam na época que sua firmeza e inabalável coragem faziam voltar o vigor aos que estavam abalados e inspiravam os que perdiam o ânimo. “Ir em frente”, até a vitória.

Começamos a nos lembrar das imagens femininas do Grande Outubro e como, em um passe de mágica, reavivam-se na memória novos nomes e rostos. Será possível desconsiderar naqueles dias a figura de Viera Slútskaia, uma trabalhadora abnegada na preparação de Outubro, morta por uma bala de cossacos no primeiro *front* vermelho perto de Petrogrado?

Podemos nos esquecer de Evgenia Boch, de natureza ardente, fervorosa, sempre entusiasmada para a batalha? Foi morta no posto revolucionário.

Seria possível deixar de mencionar aqui dois nomes intimamente ligados à vida e à atividade de V. I. Lenin, suas companheiras de armas e irmãs Anna Ilinitchna Elizárova e Maria Ilinitchna Uliánova?

...E a vivaz, sempre apressada camarada Vária, das oficinas ferroviárias de Moscou? E a trabalhadora têxtil Fiódorova, de Leningrado, com seu doce rostinho sorridente e seu destemor quando a situação chegou ao ponto de exigir que ficasse nas barricadas debaixo de tiros?

Será que estamos considerando todas elas? E quantas “anônimas”? Todo um exército de mulheres heroínas de Outubro. Podemos esquecer seus nomes, mas a abnegação delas vive na própria vitória de Outubro, nas conquistas e realizações de que as mulheres trabalhadoras usufruem na União.

É claro e indiscutível que, sem a participação das mulheres, Outubro não poderia ter levado a bandeira vermelha à vitória. Glória à mulher trabalhadora, que caminhou sob a bandeira vermelha em Outubro. Glória a Outubro, o emancipador das mulheres!

RESENHAS

DAANIEL ARAÚJO/ ACERVO CEPE



Para entender melhor o passado e o presente

Reedição histórica marca celebração dos 200 anos da Revolução de 1817 em PE

Igor Gomes

Um evento histórico é um símbolo que participa da formação da identidade coletiva de um povo. E compreender as dinâmicas inerentes a ele é fundamental, para que possamos repensar o passado e suas influências no presente.

Esse é, talvez, o prisma mais importante a ser visto na reedição de *A história da Revolução de Pernambuco em 1817*, lançada pela Cepe Editora para marcar o bicentenário de um marco significativo na história do país – ainda que sua simbologia careça de ser reconhecida fora do território pernambucano de forma ampla.

Assinada pelo historiador e religioso Francisco Muniz Tavares (1793–1876), a análise revela a narrativa inerente

de quem estava no olho do furacão: o autor foi umas das figuras mais atuantes da Revolução. Ao lançar, em 1840, *A história da Revolução de Pernambuco em 1817*, ele tentou resgatar os fatos ocorridos e apontar erros e acertos do movimento, ainda que em um tom abertamente partidário da Revolução. Muniz traz uma visão em sintonia com as discussões humanísticas atuais ao lamentar, por exemplo, que os pernambucanos não tenham conseguido libertar os povos escravizados (atitude que, segundo ele, pretendiam tomar): “Em boa fé, quem poderá negar que a escravatura é o mais terrível dos flagelos que martirizam o Brasil, retardam a

civilização, corrompem os costumes?” (p. 337).

A importância dos ocorridos de 1817 não se dá apenas por ter sido o único movimento emancipatório que foi além da fase de conspiração. Foi alvo de diversas disputas de interpretação ao longo da história, na qual historiadores monarquistas tentaram minimizar a importância do movimento – notadamente Francisco Adolfo Varnhagen (*História Geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*), e João Manuel Pereira da Silva (*História da Fundação do Império Brasileiro*). Esses esforços apontam para a necessidade, naquela época, de fortalecer a unidade imperial e mitigar narrativas emancipatórias.

Ao tempo presente, a reedição de *A história da Revolução de Pernambuco em 1817* nos lembra um passado que ainda nos constitui enquanto povo. Auxilia a reposicionar a imagem do Nordeste no imaginário coletivo do país, pois se a república usou fartamente a figura dos inconfidentes (sobretudo Tiradentes) como símbolo dos seus ideais, o movimento pernambucano foi muito mais consistente e complexo que o mineiro, na sua proposta de emancipação política. Testemunha e agente da história, Muniz Tavares escreveu um documento que nos ajuda a entender nossa identidade, a ver com criticidade as dinâmicas discursivas do nascimento da república e que mostra a importância de Pernambuco na formação da identidade nacional.

A atual edição da Cepe é a quinta que a obra recebe. E conta com as extensas notas e esclarecimentos feitos pelos historiadores Maximiano Lopes Machado (1821–1895) e Manuel de Oliveira Lima (1867–1928).



HISTÓRIA

A história da Revolução Pernambucana em 1817

Autor – Francisco Muniz Tavares

Editora – Cepe

Páginas – 550

Preço – Não definido

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

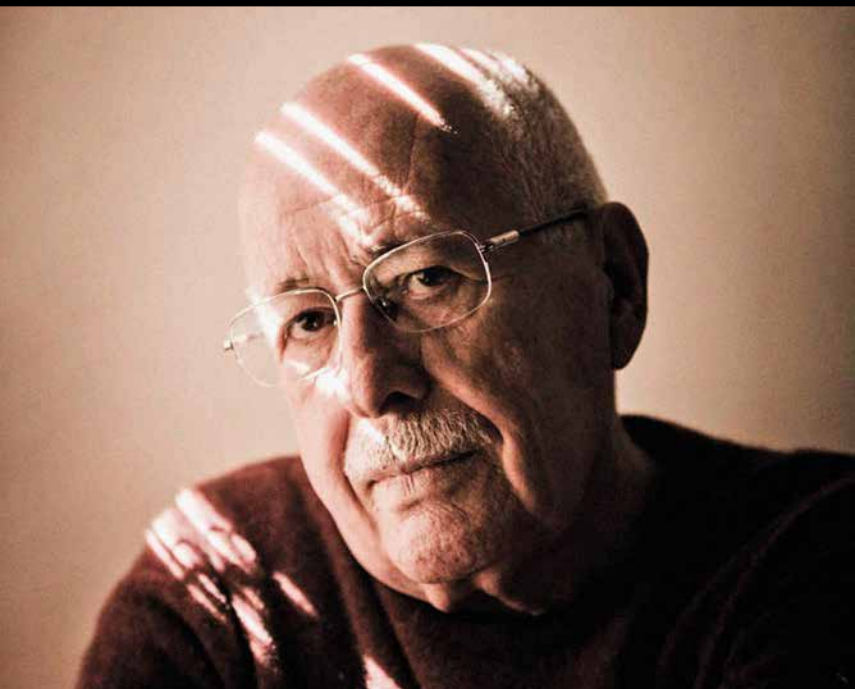
MERCADO EDITORIAL

Silviano Santiago é o primeiro autor a lançar livro pelo Selo Suplemento Pernambuco, neste mês

Quando dos seus 80 anos em 2016, Silviano Santiago (foto) revelou que gostaria de escrever sobre quem importa na literatura brasileira. Primeiro foi *Machado, roman à clef* sobre o “bruxo do Cosme Velho”. Agora, ele lança *Genealogia da ferocidade*, longo ensaio sobre um grande romance do século XX – *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. O livro inaugura o **selo Suplemento**

Pernambuco, editado pela Cepe e coordenado pelo editor do jornal, o jornalista Schneider Carpeggiani. O lançamento acontece com sessão de autógrafos na Livraria da Travessa, em Ipanema, no dia 28 deste mês. O próximo livro do selo, em preparação, trata-se do 1º volume da *Antologia fantástica da República Brasileira*, a cargo de José Luiz Passos, que será lançado no 2º semestre.

FABIO SEIXO/ARQUIVO PERNAMBUCO



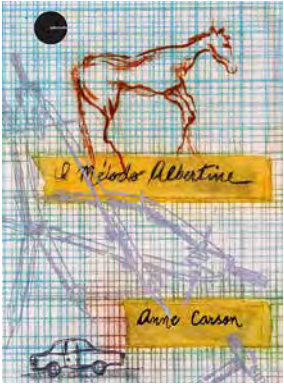
DIVULGAÇÃO



Uma maravilha difícil

Eis uma obra desafiadora à crítica: *O método Albertine*, da canadense Anne Carson. O livro, que chegou ao Brasil recentemente via Edições Jabuticaba, trava uma queda de braço com *Em busca do tempo perdido*, de Proust. O ponto óbvio que une ambos é Albertine, a personagem encarcerada pelo narrador da obra do autor francês. Em tom de observações ensaísticas, *O método...* é dividido em duas partes: na primeira, são elencadas 59 reflexões rápidas sobre a figura de Albertine na trama; na 2ª parte, há apêndices com reflexões mais extensas e profundas. Mas reduzir o livro a isso é um equívoco tremendo. O jogo ficcional na obra de Carson mais parece, nas entrelinhas, uma aula de leitura – não porque emula um ensaio sobre um clássico, mas porque nos mostra a falácia que é tentar domar uma obra de arte. De como a teoria e o distanciamento do do seu objeto de análise são esforços fadados,

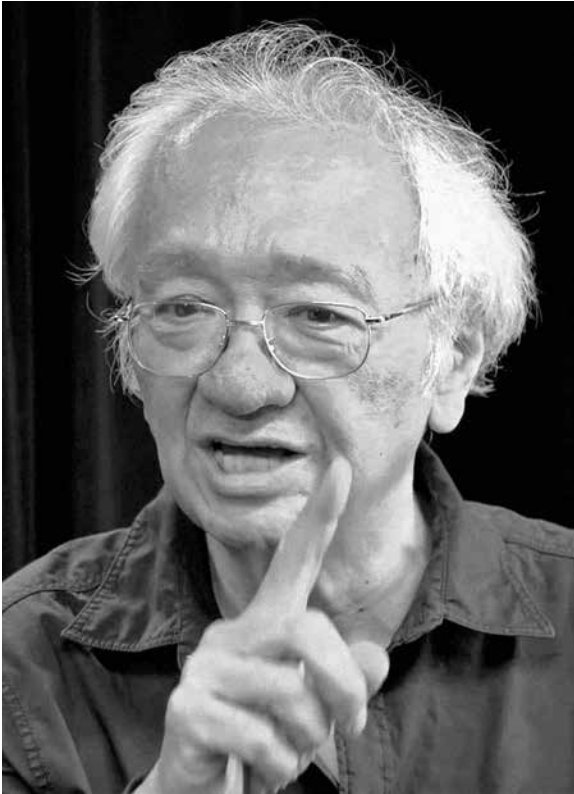
em última instância, ao fracasso. Em Carson, esse fracasso atinge um nível performático interessante porque, no contato com *O método Albertine*, percebemos que nossas leituras sempre deixam algo para trás. Em sua, é preciso insistir sempre na obra literária. Ler e reler esse livro é algo mais que recomendado. **(Igor Gomes)**



FICÇÃO

<i>O método Albertine</i>
Autora – Anne Carson
Editora – Jabuticaba
Páginas – 45
Preço – R\$ 20

DIVULGAÇÃO



Ideias em voz baixa

O poeta e crítico John Yau é americano e descende de chineses. A questão relativa a essa herança – talvez uma forma de intertextualidade – é uma das marcas do seu livro *Sotto voce*, lançado há pouco tempo pela Jabuticaba. O nome do livro é uma expressão latina para o ato de baixar a voz como forma de enfatizar uma frase. O livro é um todo coerente com essas ideias. Pois, quando observada como um todo, a obra apresenta justamente uma declaração em tom suave, que enfatiza a feitura da poesia, às vezes de forma metalinguística. Essa ideia, me parece, une os temas que aparecem em *Sotto voce*: a definição da identidade tanto pela presença da ancestralidade quanto pela ausência de características – que

nos leva a pensar sobre como o eu poético (que nasce junto com o poema) se relaciona com o escritor; as referências a Pollock e Drummond em uma relação bonita e complexa; a presença do erudito e do comum no mesmo poema. A que interessar, é boa leitura para todos os volumes vocais. **(Igor Gomes)**



POESIA

<i>Sotto Voce</i>
Autor – John Yau
Editora – Jabuticaba
Páginas – 60
Preço – R\$ 20

PRATELEIRA

O DRAMA ÉTICO NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS – LEITURAS A PARTIR DE JACQUES DERRIDA

O autor defende a leitura conjunta e articulada das obras de Graciliano Ramos, como *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, e do filósofo francês Jacques Derrida. O elo entre ambas se dá na semelhança com que problematizam conceitos e colocam a questão da alteridade e sua relação com a linguagem, a política e a produção do conhecimento.



Autor: Gustavo Silveira Ribeiro
Editora: UFMG
Páginas: 252
Preço: R\$ 43

OS MENINOS DA RUA PAULO

O clássico húngaro, que já virou filme e peça teatral, ganha edição da Companhia das Letras, com tradução e prefácio do grande crítico Paulo Rónai. A partir da história de meninos que brigam por um pedaço de terra onde se pode brincar à vontade, a obra trata da passagem para a vida adulta e dos desafios inerentes ao processo de amadurecimento. Também questiona as causas da guerra ao mostrar o comportamento de adolescentes de Budapeste.



Autor: Ferenc Molnár
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 272
Preço: R\$ 39,90

FRAGMENTOS SOBRE POESIA E LITERATURA 1797–1803 SEGUIDOS DE CONVERSA SOBRE POESIA

Inédito em português, o crítico literário, poeta e editor alemão foi traduzido por Constantino Luz de Medeiros. Schlegel influenciou os movimentos literários europeus do século XIX, a partir de reflexões sobre a vida e a representação artística, a unificação de todos os gêneros literários, e a confrontação de diferentes perspectivas sobre o papel da arte.



Autor: Friedrich Schlegel
Editora: Unesp
Páginas: 555
Preço: R\$ 84

BALADAS PROIBIDAS

Relato de fatos reais vividos por Gabriel Godoy, jovem que saiu do interior de São Paulo para a capital e virou traficante. Posteriormente, ficou conhecido como “o rei do ecstasy”. Em um relato sobre sua ascensão e queda, o protagonista conta ao jornalista Bolívar Torres detalhes da vida de luxo, obtida com o comércio de drogas em meio a mortes, prisões e extorsões, e choca ao deixar evidente que esse universo é algo de fácil acesso aos jovens.



Autores: Gabriel Godoy e Bolívar Torres
Editora: Record
Páginas: 210
Preço: R\$ 39,90

EVENTO LITERÁRIO

Proximidade com o Carnaval adia *Bienal*

Prevista para este mês, a *III Bienal Internacional do Livro do Agreste de Pernambuco*, em Garanhuns, foi novamente adiada. Originalmente prevista para setembro de 2016, ela passou para março de 2017 por conta da crise econômica. O motivo da segunda transferência foi a proximidade com o Carnaval. Serão mais de 100 editoras reunidas. Espere a visita de cerca de 200 mil pessoas nos 5 dias do evento.

REVOLUÇÃO 1

Reedição marca o bicentenário de 1817

O *ABCDário da Revolução Republicana de 1817*, acrescido de gravuras e comentários de viajantes, testemunhas e historiadores, será relançado pela Cepe Editora no dia 12, no Museu da Cidade do Recife. O ABC inclui índice Arquitetônico, Ortográfico, Bélico, Botânico, Eclesiástico, Etnográfico, Jurídico, Poético e outros. Na ocasião, serão abertas as comemorações pelo bicentenário do movimento libertário, a partir das 16h.

REVOLUÇÃO 2

Olhos negros percorre os cenários do movimento

Outro livro que será relançado durante as comemorações pelo bicentenário da Revolução Pernambucana de 1817 – no Museu da Cidade do Recife, sdia 12 – é *Olhos negros*. Assinado pela romancista e historiadora Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, a obra teve sua primeira edição em 2010 pela Bagaço. No livro, uma narradora percorre os cenários recifenses em que se desenrolou a revolução.



José CASTELLO

HALLINA BELTRÃO



Tempestade de palavras

Não tenho suportado a leitura do noticiário. Também não tenho assistido aos telejornais. Navegar na rede frequentemente me sufoca. Embora a realidade não ande nada agradável, não me refiro aos fatos em si – até porque não acredito na existência dos fatos em si. Mas o que se passa comigo então? A vida contemporânea está contaminada por um crescente tagarelar, um falatório dispersivo e opressivo que não chega a lugar algum. Asfixiado pelo excesso de palavras, afogado em declarações, denúncias e insinuações, com frequência me lembro de Mordásov, a cidade imaginária criada por Fiodor Dostoievski na novela *O sonho do titio*, que li na tradução de Paulo Bezerra para a editora 34; um vespeiro de fofocas, intrigas e mexericos que, em nossa vida diária, se resume em uma palavra da moda: delação. Estamos todos afundados nas almofadas do salão de Mária Alieksándrovna, a primeira dama do fuxico e da intriga em Mordásov. Nessa algazarra, a verdade que se dane – importam os efeitos e a repercussão.

Nesse estado de desânimo, que é crescente e não é só meu, chego, por mero acaso, à *A solidão*, o capítulo 23 de *O spleen de Paris*, de Charles Baudelaire – que leio na tradução de Leda Tenório da Motta para a editora Imago. Baudelaire dá a seu livro um subtítulo inspirador: *Pequenos poemas em prosa*. Sim, porque é da poesia, de fato, que se trata. Em nosso mundo ríspido e agressivo, de gritaria, de tagarelice e de ódio, nunca precisamos tanto da suavidade dos poetas. E também de seu silêncio. Em meu socorro, Baudelaire viaja desde o século 19 até nossos dias – século 19, a propósito, que me deu outra figura decisiva em minha sofrível formação, o próprio Dostoievski. Detenho-me em suas anotações. Eles me oferecem a chance de um caminho. E me ajudam a entender por que, ultimamente, tenho preferido ficar em silêncio e sozinho.

“Um jornalista filantropo me diz que a solidão é ruim para o homem”, começa Baudelaire. “Defendendo sua tese, cita, como todos os incrédulos, as palavras dos Pais da Igreja.” A superstição diz que o demônio prefere os lugares áridos e vazios – e que a solidão, em consequência, lhe seria fértil. No mundo contemporâneo, de fato, quase

todos se sentem mais confortáveis em meio à zoeira e ao falatório, em que todas as vozes se dissolvem, em que basta falar por falar, sem quase nada dizer, e você se sentirá desafogado. No ruído infernal de hoje, a palavra é desvalorizada, passa a valer qualquer coisa. O importante é dizer e escrever, não importa o quê. O importante é tagarelar e gritar. “Falemos”, nos ordena a grande voz.

Não, a solidão não representa um perigo. Ao contrário: mais do que nunca, ela é a possibilidade do pensamento próprio. A possibilidade do próprio pensamento. “Por certo, o tagarela, cujo supremo prazer é falar do alto de uma cátedra ou de uma tribuna, correria o risco de tornar-se um completo louco na ilha de Robinson”, prossegue Baudelaire em suas meditações. Nos dias de hoje, os solitários e os silenciosos são vistos com grande suspeita. Se não falam, é porque eles escondem algum segredo. Se eles preferem estar sozinhos, pensa-se ainda, é porque a presença do outro os ameaça e denuncia. Em resumo: o solitário se transforma em um suspeito. A própria solidão – a própria ausência do crime – seria a prova do crime.

“Não vou impor a meu jornalista as virtudes de Crusoé”, diz Baudelaire, “mas peço-lhe que não envolva no decreto acusatório os amantes da solidão e do mistério”. Aquele que muito fala e que, assim, assume o papel de acusador, não corre perigo porque, ao menos aparentemente, “tudo expõe, tudo mostra”. Aquele que está sempre acompanhado parece nada temer, nada ter a esconder, já que se encontra sob a vigilância e a tutela de tantos olhares alheios. Protegido por um escudo de palavras, o falador se esquia e se fortalece. As palavras deixam de ser um meio de expressão e se tornam um meio de intimidação. Transformam-se em armas.

Diz Baudelaire a respeito dos falantes e dos prolixos: “Não os lastimo, porque adivinho que suas efusões oratórias lhes reservam volúpias iguais àquelas que outros retiram do silêncio e do recolhimento; mas os desprezo”. Ter a palavra sempre exposta – como em *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe, que Jacques Lacan transformou em um caso exemplar em célebre seminário –, desnudar-se, exibir-se, promover-se

parece, em nosso estranho mundo de hoje, uma garantia de pureza. A mais preciosa proteção. Uma garantia de verdade. Basta falar – se pensa – e a verdade aparece.

O mundo contemporâneo exige de nós, sobretudo, isso: que falemos, não importa o quê, mas que não deixemos de falar. O ditado se inverte: agora é em boca fechada que entra mosca. É sobre as bocas fechadas que recaem a suspeita e a maledicência. Protesta Baudelaire, dois séculos antes de nós: “Desejo principalmente que meu maldito jornalista me deixe divertir-me à minha maneira”. Recorda-se, a propósito, de La Bruyère, o moralista francês do século 17, quando este se refere à “infelicidade imensa de não poder estar só”. Podemos acrescentar: de não poder estar quieto. Pois o silêncio e o recolhimento parecem cada vez mais suspeitos.

Na era dos *talk shows*, das celebridades e das *selfies*, a solidão e o silêncio se tornam perigosos. Em nosso mundo em rede, a compulsão à exposição se dissemina. “Quase todas as nossas desgraças nos vêm de não sabermos ficar em nosso quarto”, diz Baudelaire, citando Pascal – mas ele não está certo de que a frase seja exatamente de Pascal e, no entanto, isso não o afeta. O mundo contemporâneo valoriza também a precisão – ainda que ela não passe de um jogo de cena, como no caso das estatísticas, que engessam a verdade, mas nem sempre a carregam. Na época das pesquisas de opinião e das sondagens, devemos confessar abertamente, até mesmo escandalosamente, nossos segredos, ideais e posições. Nada pode ficar escondido. Até das crianças se exige que sejam falantes, extrovertidas e que “interajam” com seus coleguinhas, ou logo serão tidas como esquisitas e talvez doentes.

Em nosso mundo frenético, ler um poeta como Charles Baudelaire nos permite, por algum tempo, respirar. Respirar e silenciar. Sair um pouco da atmosfera de Mordásov – abandonar a tempestade de palavras que desaba sobre nós. Deixar um pouco de lado as confidências e as incontinências de Mária, levantar-se de seu sofá de fofoqueiras, e finalmente estar sozinho, o que pode ser mais inspirador? Se não inspirador, pelo menos consolador.